

3 Conteúdos Centrais da Cristologia em Luigi Giussani

“O homem permanece para si próprio um ser incompreensível, e a sua vida é destituída de sentido unitário, se não encontra Jesus Cristo. Por isto, é Cristo o Redentor quem revela plenamente o homem ao próprio homem”.²⁴⁰

3.1

Ponto de Partida: A Pergunta do Destino do Homem Exige uma Resposta

Para o nosso autor um raciocínio abstrato não é o que faz crescer; o que para ele faz expandir a mente é encontrar na humanidade um momento de verdade que se alcançou e ao qual se deu expressão plena na pessoa de Jesus de Nazaré. É de suma importância dizer que não é possível se dar conta plenamente do significado de seu ser, mesmo sem antes nos darmos conta da natureza daquele dinamismo que faz com que o homem seja aquilo que é. Com efeito, Cristo se propõe como resposta àquilo que o nosso “eu” é; e apenas uma tomada de consciência atenta, e também terna e apaixonada de ‘nós’ mesmos, pode fazer com que o nosso “eu” se escancare e se disponha a reconhecer, admirar, agradecer, e vivenciá-lo. Sem essa consciência, até mesmo o nome de Jesus Cristo seria banalizado e não passaria de um simples nome. Portanto, encarar Jesus Cristo significa encarar um problema pertinente ao fenômeno religioso de hoje.²⁴¹ Essa abrangência total vai poder nos dar uma clara noção do destino do homem, suas perguntas fundamentais e a resposta a estas perguntas. Afirma Pe. Giussani na sua obra ‘*O Senso Religioso*’ que este senso nada mais é que a natureza original do homem, suas perguntas fundamentais e a resposta a estas perguntas. Logo, ao falar de Cristo e olhar sua natureza humana e ver o seu senso de religiosidade, vemos que nada mais é importante que a nossa natureza humana original, presente no ‘mestre de Nazaré’ que nos

²⁴⁰ João Paulo II, “*Encíclica Redemptor Hominis*”, nº. 8, op., cit., , p. 23.

²⁴¹ “Jesus, o Cristo, Aquele no qual tudo é feito e consistente, é, pois, o princípio interpretativo do homem e da sua história. Afirmar humildemente, mas também com tenacidade, Cristo, princípio e motivo inspirador do viver e do agir, da consciência e da ação, significa aderir a Ele, para adequadamente fazer presente a sua vitória no mundo”. Cf. João Paulo II, “*Per il trentennale di Comunione e liberazione*”, 29 de setembro de 1984. In: ‘*La Traccia*’, 1984, pp. 1027-1028. Cf. Também GIUSSANI, L., “*Na origem da pretensão Cristã (...)*”, op., cit., p. 11. As citações seguintes desta obra serão feitas com a sigla OPC.

permite exprimir-se até a exaustão através de perguntas “últimas”, procurando o “Por quê?” último da nossa existência em todos os aspectos da vida e em todas as suas implicações. Esse é o nosso ponto de partida: uma contemplação de nossa humanidade em Cristo.²⁴²

No longo do percurso da religiosidade humana, a palavra "Deus" assinala o objeto próprio desse desejo último do homem, como o desejo de conhecer a origem e o sentido exaustivo da existência²⁴³, do sentido último implicado em cada aspecto daquilo que é a vida.

"Quanto mais o homem 'pisa no acelerador' em sua busca, mais o horizonte retrocede, afasta-se. Essa é uma experiência tão estrutural que se nós aventássemos a hipótese da existência de um homem sobre a face da terra daqui a um bilhão de séculos, deveríamos dizer que, no fundo, a questão se apresentaria para ele tal e qual, mesmo na imprevisível diversidade de suas condições de vida".²⁴⁴

É no senso religioso que está a expressão adequada daquele nível da natureza em que esta se torna consciência do real, tentando abranger todos os fatores. É a esse nível e nesse sentido que a natureza pode dizer "eu", sendo que nessa palavra se reflete potencialmente toda a realidade. Santo Tomás dizia em sua obra *'De Veritate'*: "anima est quodammodo omnia" (a alma é, de um certo modo, tudo).²⁴⁵ Nesse sentido a dimensão religiosa coincide com a dimensão racional, e o senso religioso coincide com a razão no seu aspecto último e profundo. O Cardeal Montini definiu o senso religioso como a *"síntese do espírito"*.²⁴⁶ Todos os ímpetus com os quais o homem é movido pela sua natureza, e por isso todos os passos do mover-se humano – portanto, consciente e

²⁴²Cf. GIUSSANI, L., *"O Senso Religioso"*, op., cit., pp.71-88.

²⁴³"Ao declarar que o ser humano é uma criatura responsável e precisa realizar o sentido potencial de sua vida, quero salientar que o verdadeiro sentido da vida deve ser descoberto no mundo e não dentro da pessoa humana ou de sua psique, como se fosse um sistema fechado.

Chamei esta característica constitutiva de 'a autotranscendência da existência humana'. Ela denota o fato de que ser humano sempre aponta e se dirige para algo ou alguém diferente de si seja um sentido a realizar ou outro ser humano a encontrar. Quanto mais a pessoa esquecer de si mesma – dedicando-se a servir uma causa ou a amar outra pessoa – mais humana será e mais se realizará. O que se chama de auto-realização não é de modo algum um objeto atingível, pela simples razão de que quanto mais a pessoa se esforçar, tanto mais deixará de atingi-lo. Em outras palavras, a auto-realização só é possível como um efeito colateral da autotranscendência". Frankl, V., E., *"Em busca do Sentido – Um Psicólogo no Campo de Concentração"* (Coleção *Logoterapia*), Ed. Vozes, Petrópolis - RJ, 1991, pp. 99-100.

²⁴⁴GIUSSANI, *ibidem*, p. 14.

²⁴⁵Cf. Santo Tomás de Aquino. Quaest., Disp., *De Veritate*, II, art. 2 – Cf. Também, *Summa Theologiae*, I, q.14, art.1; I, q.16, art. 3. Nessa passagem Santo Tomás cita e comenta a definição De Aristóteles, III De anima, c. 8, lect. 13.

²⁴⁶Montini, Mons., G.,B., *"Sul senso religioso"*, Carta Pastoral da Arquidiocese de Milão para a Santa Quaresma, 24 de fevereiro de 1957.

livre –, todos esses passos aos quais o impulso original induz o homem são determinados, possibilitados e realizados por força desse impulso global e totalizante que chamamos senso religioso, o qual coincide, portanto, com a urgência de um alcance e de uma completude exaustiva; e se coloca, oculto, mas determinante, dentro de todo o dinamismo e de todo o movimento da vida da humana que, por isso, se caracteriza como projeto desenvolvido por aquele ímpeto global – o senso religioso.

"Quanto mais o homem caminha, à medida que ele prossegue, essa inacessibilidade, em vez de reduzir-se, torna-se sempre mais evidente. De modo que só no homem 'ignorante' subsiste a presunção de poder chegar lá. Quem não 'ignorar' a si mesmo na relação com o real, quem for 'culto' no sentido profundo da palavra, ou seja, aquele que de fato busca atentamente, acabará por ter de enfrentar a dramática desproporção descrita".²⁴⁷

A vertiginosa condição do homem é dramática. Pois em sua situação existencial é obrigado a viver todos os passos da sua existência dentro da prisão de um horizonte sobre o qual paira inatingível uma grande incógnita. E se toma mais ainda quando ele mais vai tomando consciência dela.

"Com efeito, a suprema estupidez humana é viver em estado de contínua distração, é evidente que, quanto mais estúpido for, melhor será o problema. Eu, em plena consciência, sou obrigado pela minha condição existencial a dar certos passos em direção àquele destino ao qual tudo em mim tende, mesmo sem que eu o conheça. Sei que ele existe, por isto está implicado no meu dinamismo, e sei que tudo em mim depende dele. O senso humano, o gosto daquilo que provo, que aprovo ou de que me aproximo depende daquele destino que para mim permanece desconhecido".²⁴⁸

Portanto, a percepção da presença do mistério representa o vértice da razão. Mesmo nessa impossibilidade de chegar ao conhecimento daquilo cuja nossa existência intui, a razão mantém a sua estrutura de exigência cognoscitiva: continua a querer conhecer seu destino. O destino, o desconhecido, convoca a *si* a vida humana através das coisas, do 'provisório e do efêmero' condensar-se das circunstâncias; ora, o homem racional, mesmo privado da possibilidade de medir e de possuir aquele desconhecido, é chamado a uma atividade que consiste, acima de

²⁴⁷GIUSSANI, OPC, op., cit., p.12.

²⁴⁸Ibid, Ibidem.

tudo tomar ciência de sua condição e, em segundo lugar, em aderir realísticamente, circunstância por circunstância, às emergências existenciais, sem poder, todavia, ver a trama que rege tudo, o desígnio no qual o significado se modela. No Antigo Testamento, quando o oráculo de Deus dizia: 'Os meus caminhos não são os vossos caminhos e os meus pensamentos não são os vossos pensamentos' (Is. 55,8), alertava os israelitas para esta desproporção que existencialmente resulta na experiência de contradição. O homem sente-se como que caminhando rumo ao desconhecido, aderindo a todas as determinações, dando cada passo segundo as circunstâncias que se apresentam como inevitáveis, mas às quais ele, justamente porque se reconhece como tal, deveria dizer sim, com todas as forças de sua mente e de seu coração, sem "compreender": é uma situação de precariedade absoluta, vertiginosa.

Dentre todos os pensadores humanos, gregos, indianos, orientais, Pe. Giussani cita o exemplo do Patriarca Abraão, que surge naquele contexto. A Bíblia conta como o Desconhecido (infinito), não obstante haver-lhe já prometido uma grande descendência, pede-lhe para matar o filho que lhe tinha sido dado como primeira realização daquela mesma promessa; quando aquele mesmo Desconhecido se apresenta novamente ao patriarca com todo o peso dos seus desígnios misteriosos e desafiadores, ei-lo que responde: 'Eis-me aqui'. E parte naquela estranha manhã com o filho ao seu lado, rumo a um lugar que não conhece, por uma razão que não conhece, disposto a cumprir um sacrifício no lugar que Deus indicar, sacrifício que depois não será consumado por vontade divina (Cf. Gn. 22,1-19). Nesse instante Abraão é a figura paradigmática do homem em toda a sua estatura e dramaticidade, do homem colocado naquela vertigem que normalmente procuramos esquecer, um redemoinho dentro do qual o homem normal não consegue sustentar-se.

Como, então, alcançar a meta, nessa floresta, sem um guia? Santo Tomás de Aquino diz que, na história, a razão humana percebeu alguma coisa da divina verdade apenas no caso de alguns grandes personagens,

e só depois de muito trabalho e não sem graves erros.²⁴⁹

O homem, tendo demonstrado perceber, ao longo do seu caminho, o sentido dessa desproporção primordial, transformando-a em grito e modulando-a nos mais variados acenos, mesmo assim, mostra-se incapaz de recordar-se dela na vida prática. Infiltra sempre nele o desejo de dobrar o destino à própria vontade, um desejo de fixar significado e valor ao seu bel-prazer.

3.2

Da Reviravolta do Método do Sendo Religioso ao Acontecimento Cristo

Frente ao enigma último, o homem procurou definir esse mistério em relação a si, tratando, portanto, de conceber um modo criativo de relação com Ele que exprimisse todos os reflexos estéticos que a imaginação daquele Último lhe sugeria. Esse esforço humano de imaginar o relacionamento com o Mistério se dá estritamente em função do nexo com o real e por isso é uma expressão razoável, realista no sentido pleno da palavra. Assim, o homem, através dos tempos, procurou imaginar a relação que corre entre aquele ponto efêmero da sua existência e o significado total dela.

“Não existe nenhum homem que, de alguma maneira, mesmo sem pensar, não identifique uma resposta à pergunta que faz a respeito daquilo que, em última análise, constitui. Ainda quando viva cinco minutos apenas, um homem afirma a existência de alguma coisa pela qual justamente vale a pena viver aqueles cinco minutos; no mesmo sentido, quando se busca prolongar a própria existência, afirma-se a existência de um *quid* que seja, em última instância, o sentido pelo qual se vive”.²⁵⁰

Desta forma, teoricamente, cada um poderia criar sua própria religião. Mas na dinâmica da vida humana existe um papel que é gerador de sociedades: o gênio. E Este pode ser definido assim:

²⁴⁹Cf. Santo Tomás de Aquino, *Summa Theologiae*, I, q.1, a.1.

²⁵⁰GIUSSANI, L, OPC, op., cit., p. 22. Cabe aqui colocar a definição que Pe. Giussani dá sobre religião: "Religião é o conjunto expressivo desse esforço imaginativo, razoável no seu impulso e verdadeiro pela riqueza a que pode chegar, mesmo que possa se degenerar na distração e na vontade de possuir o mistério. Esse complexo expressivo será conceitual, prático e ritual, e dependerá da tradição, do ambiente e do momento histórico, assim como de cada temperamento pessoal. Todo homem, pessoalmente, pelo simples fato de existir, faz essa tentativa de identificar e imaginar aquilo que dá sentido. Uma religião depende da situação histórico-ambiental e temperamento das pessoas". (Ibidem)

"Um carisma eminentemente social, que exprime no meio da companhia humana os fatores percebidos pela companhia inteira, mas exprime de maneira tão mais aguda que a dos outros, que cada um sente nela a expressão de sua criatividade, muito mais que em suas próprias tentativas".²⁵¹

Na história humana, o gênio religioso coagula em torno de si – exprimindo melhor do que qualquer outro talento da estirpe – todos aqueles que, participando de seu ambiente histórico-cultural, percebem que dele são valorizados os dinamismos da sua busca do Desconhecido.

Diante de seu destino, do sentido último, o homem imagina os seus caminhos, projeções dos seus recursos, mas sofre o enigma último ‘como tempestade de incerteza ou solidão como desânimo’²⁵² na medida da seriedade do seu pensamento e da sua emoção. O único auxílio adequado à reconhecida impotência existencial do homem só pode ser o próprio divino, aquela divindade escondida, o mistério, que se envolve de alguma forma com o esforço do homem, iluminando-o e sustentando-o no seu caminhar.

"Esta é uma hipótese perfeitamente razoável, ou seja, correspondente ao ímpeto e coerente com a abertura da natureza humana, bem como plenamente inserida na grande categoria da possibilidade. A razão não consegue dizer o que o mistério pode ou não pode fazer; para ser fiel a si mesma, não pode excluir nada daquilo que o mistério possa compreender".²⁵³

É interessante perceber que se a razão pretende impor uma medida ao divino, como, por exemplo, dizer que ela não pode entrar na vida do homem para sustentá-lo no seu caminho, se a razão chegasse a negar a revelação, seria a última e mais extrema forma de idolatria, a extrema tentativa da razão para impor a Deus uma própria imagem d'Ele. seria um gesto de suprema irracionalidade.²⁵⁴

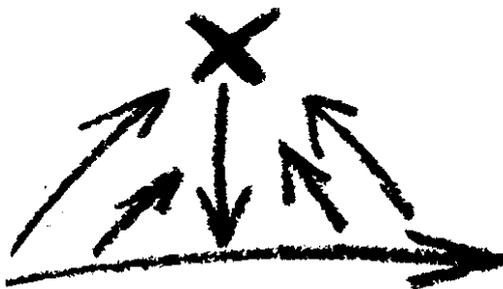
²⁵¹GIUSSANI, *Ibidem*.

²⁵²*Ibid*, p. 33.

²⁵³*Ibid*.

²⁵⁴Para Pe. Giussani, a afirmação dessa hipótese de ajuda para o homem está no coração da grande arte de todos os lugares e de todos os tempos. De Platão a Leopardi podemos ler o grito da razão que se lança rumo a essa hipótese, que emerge de diferentes maneiras e medidas de tão racional que ela é e tão conforme a nossa natureza, No seu livro **“Na Origem da Pretensão Cristã”**, Pe. Giussani dá alguns exemplos (observações) de como a exigência e a pretensão da revelação podem articular-se na história religiosa da humanidade. “A exigência de uma revelação supõe a espera de uma resposta adequada da parte do sentido da vida, que não pode ser abarcado pelo homem nem como conhecimento teórico nem como competitividade de forças”. Ele então apresenta cinco observações: a 1ª. **De ordem cognoscitiva**. O homem sempre expressou na sua história a convicção de poder ser iluminado a respeito do Desconhecido, visto que este quer se manifestar na realidade. “O homem conhece o sagrado porque o sagrado se manifesta. Uma hierofania é uma manifestação do sagrado, quer dizer, um ato misterioso pelo qual o ‘totalmente Outro’ se manifesta num objeto ou num ser deste mundo profano”. O homem

ESQUEMA 1



No esquema 1, a linha horizontal representa a trajetória ou caminho da história humana, sobre a qual paira a presença de um 'X': Destino, Fato, *quid* último, Infinito, Mistério, "Deus".²⁵⁵ Supondo que este 'X' penetrasse na história, ou seja, no tempo e no espaço, e se torne um "Fato", um "Acontecimento" entre nós, à luz dessa hipótese pode-se supor que aquele mistério 'X' tornar-se-ia um fenômeno, um "fato normal identificável" no caminho histórico e interagindo com ele, corresponderia a essa suposição uma exigência de revelação. Pois seria irracional excluir a possibilidade que o mistério que faz as coisas chegasse a implicar-se na trajetória histórica, envolvendo-se direta e pessoalmente com o homem. E seria ainda tanto mais irracional quanto, como vimos, pela nossa própria natureza, não teríamos como estabelecer limites ao Mistério. Logo, dada a possibilidade do fato e a racionalidade da hipótese, que mais nos resta

multiplicou os lugares ideais, os lugares "sagrados" dessas manifestações. O símbolo e o mito foram vividos na história do homem como os grandes instrumentos por excelência cognoscitivos e reveladores do mistério, meios para superar o efêmero e mergulhar naquilo que está destinado a durar; **2º. Diz respeito ao fato de que o homem sempre reconheceu a necessidade constante da mediação de outros homens**, além da mediação de realidades cósmicas e naturais, para o seu contato com o divino; **3º. No contexto das religiões da antiga Grécia**, tão distante de uma esperança de relacionamento com o divino, há uma experiência significativa da profundidade perturbadora do desejo humano de uma revelação: a experiência dionisíaca; **4º. Os fundadores de religiões tem em comum** a certeza de serem portadores de uma revelação essencial do deus; **5º. Por último, a certeza reveladora da fé de Israel**, a mais familiar ao ocidente cristão hoje. Cf. GIUSSANI, L., *ibidem*, pp.24-42.

²⁵⁵“Em todos os momentos de sua trajetória histórica, a humanidade tentou compreender teórica e praticamente a relação que passava entre a sua realidade contingente – o seu ponto efêmero – e o sentido último dessa realidade. Procurou imaginar e viver o nexa entre a própria efemeridade e o eterno. Suponhamos agora que a enigmática presença, o 'X' que paira além do horizonte – sem o qual a razão não pode ser razão, pois ela é a afirmação do significado último –, penetrasse no tecido da história, entrasse no fluxo do tempo e do espaço e, com inimaginável força expressiva, se encarnasse num 'Fato' que se deu entre nós. A luz dessa hipótese, o que significa 'encarnar-se'? Significa supor que aquele misterioso 'X' se tenha tomado um fenômeno, um fato normal identificável na trajetória histórica e agindo sobre ela". (Cf. *ibid*, p.44).

a fazer diante dela, senão perguntar: acontece ou não?

Se esta tivesse acontecido, tal caminho seria o único, não porque não os outros sejam falsos, mas porque seria traçado por Deus.²⁵⁶ Historicamente o mistério teria se apresentado como um fato ao qual ninguém que com ele se defrontasse real e seriamente poderia subtrair-se sem renegar o seu próprio caminho.

“Desde a antiguidade, até a época atual, encontra-se entre os diversos povos certa percepção daquela força misteriosa que preside o desenrolar das coisas e acontecimentos da vida humana, chegando mesmo às vezes ao conhecimento de uma suprema divindade ou até do Pai. Esta noção e conhecimento penetram-lhes a vida dum profundo sentido religioso: o sentido religioso. As religiões, no entanto, com o desenvolvimento da cultura à qual estão ligadas, fazem o possível pra responder às mesmas questões por meio de conceitos mais sutis e linguagem mais acurada (...). A Igreja Católica nada rejeita do que há de verdadeiro e santo nestas religiões. Considera ela com sincera atenção àqueles modos de agir e viver, àqueles preceitos e doutrinas que em muitos pontos podem diferir daquilo que a mesma retém e propõe, não raro, contudo, refletindo lampejos daquela verdade que ilumina todos os homens.(...) Exorta por isso seus filhos a que, com prudência e caridade, através do diálogo e da colaboração com os seguidores de outras religiões testemunhando sempre a fé e vidas cristãs, reconheçam, mantenham e desenvolvam os bens espirituais e morais, como também os valores socioculturais que entre eles se encontram”.²⁵⁷

Aceitando e percorrendo aquela particular estrada traçada por Deus, o homem poderá perceber que esta estrada comparada às outras se mostra mais humana como síntese, mais completa na valorização dos valores em jogo. Seguindo esse caminho excepcional, a priori compreenderíamos também os demais caminhos, à medida que, conhecendo, tenhamos a capacidade de colher tudo de bom que existisse também nas outras estradas. Seria uma experiência valorizadora, ampla, larga, cheia de magnanimidade, capaz de abraçar a totalidade dos valores, “católica” no sentido etimológico, isto é, segundo a inteireza, universal.²⁵⁸

²⁵⁶“Em primeiro lugar, certo é ser Deus livre e poderoso para se revelar! Para tornar reconhecíveis palavras e intervenções Suas no plano dos fenômenos. Eis uma simples asserção preliminar, mas convenientemente repetida porque já neste primeiro passo topariamos a objeção dos deístas com suas concepções abstratas sobre um Deus sempre distante, que não fala às criaturas, que não intervém no curso dos acontecimentos e se reduz a ser o Criador (...) Mas o criador das liberdades não pode ser impessoal; e uma Pessoa fala e age livremente. Teríamos o direito de reduzir a ação de Deus à da criação da natureza e de excluir suas intervenções na história?”. Gomes, Dom Cirilo Folch, O.S.B., **“Riqueza da Mensagem Cristã – Comentário ao Credo do povo de Deus”**, Edições Lumen Christi, Rio de Janeiro, 2ª. Edição revista e ampliada, 1989, p. 50.

²⁵⁷ Gomes, Dom, Cirilo Folch, O.S.B., Ibidem.

²⁵⁸Declaração Conciliar sobre as relações da Igreja com as religiões não cristãs do Concílio Vaticano II, **“Nostra Aetate”** (de 28 de outubro de 1965), nº. 2 . In **“Documentos do vaticano II, Constituições, Decretos e Declarações”**, op., cit., p. 616.

“Na hipótese de que o mistério que paira além do horizonte de qualquer passo do homem tenha rompido a linha do arcano e penetrado no caminho daqueles passos, estamos diante de uma mudança radical entre essa modalidade 'religiosa' e qualquer outra tentativa do homem de relacionar-se com o desconhecido. Mas levar a sério essa hipótese como verdadeira não pode eliminar nada à atenta capacidade de simpatia para com toda a busca humana”.²⁵⁹

Aí está a chamada reviravolta do método religioso, ou seja, se admitimos a hipótese de que o mistério tenha penetrado na existência do homem, falando com ele em termos humanos, a relação homem-destino, falando com ele em termos humanos, a relação não será mais baseada no esforço humano, ou seja, numa construção imaginativa; será, pelo contrário, o deparar-se com uma presença.²⁶⁰

O núcleo da reviravolta do método está exatamente na nossa postura humana diante dessa presença, pois o problema estaria todo no puro resto de liberdade que aceita ou recusa esta presença. Esta postura favoreceria, sobretudo, o pobre, o homem comum, o simples de coração; e apenas o intelectual, o culto, o afortunado, o poderoso. É uma presença que se depara como evidência tanto para a criança como para o adulto. Esta era a metodologia de Cristo em sua vida pública, entreter-se com os discípulos e convidá-los para ficar com Ele. Estes diante daquela presença simples, mas extraordinária, tiveram um encontro real e marcante.²⁶¹ Também os simples e puros de coração, os humildes e os sofridos e excluídos ficaram com Ele, o seguiram. É interessante que o acento dessa hipótese, que Pe. Giussani chama de "dinâmica reveladora" não recai mais sobre a genialidade (Gênio religioso) e a iniciativa²⁶², mas sobre a simplicidade e o amor. Amor que representa a única dependência verdadeira do homem, a afirmação do Outro como consistência de si

²⁵⁹GIUSSANI, OPC, Op., cit., p. 45.

²⁶⁰Cf. Ibid, Ibidem. p. 46.

²⁶¹“O destino (mistério), deve estar presente. Nós sabemos muito bem disso, porque para nós a verdadeira vibração diante do destino, [a verdadeira vibração do destino] aconteceu exatamente e quando o destino esteve presente à nossa experiência: é aquilo que chamamos de encontro. Nunca como aquela ocasião, nunca como naquele momento experimentamos a vibração do destino dentro de nós, daquela comoção diante do mistério do nosso ser, diante de uma pessoa presente, destino presente. (...) É o encontro com uma pessoa presente que nos faz sentir, como nunca antes, a vibração do nosso destino, que nos faz sentir mais a nós mesmos, que nos faz acusar a repercussão de uma presença que nos comove até a medula”. (GIUSSANI, L., *in Revista Passos*, 54, 2004, p.47).

²⁶²“Chamo aqui de “*iniciativas*” aquelas religiões antigas que expressavam sua busca e satisfação do divino em “iniciativas”, ou seja, nas construções das grandes cidades, templos, ídolos de pedras, monumentos, etc... .

mesmo, escolha suprema da liberdade. Nessa hipótese só haveria espaço para outra postura: negar a própria possibilidade daquele fato.

"Se Deus tivesse manifestado na história humana uma vontade particular, ou aberto Ele mesmo uma estrada para chegar a Ele, o problema central do fenômeno religioso seria mais a tentativa – embora ela expresse a maior dignidade do homem [senso religioso] (...), o ponto axial não estaria mais no esforço de uma inteligência e de uma vontade construtiva, de uma exaustiva fantasia, de um complicado moralismo, mas na simplicidade de um reconhecimento: uma atitude análoga à de quem, vendo um amigo chegar, o identifica entre os outros e o cumprimenta. Nessa hipótese, a metodologia religiosa perderia toda a sua conotação inquietante, de gênio enigmático a um ponto distante, a coincidiria com a dinâmica de uma experiência, a experiência de uma presença, de um encontro".²⁶³

É plausível dizer que essa hipótese revelativa é possível.²⁶⁴ É preciso reconhecer: ela foi e é considerada verdadeira na história do homem. O anúncio cristão diz: sim, isso aconteceu.

"Aproveu a Deus em sua bondade e sabedoria, revelar-Se a si mesmo e tornar conhecido o mistério de Sua vontade (Cf. Ef. 1,9), pelo qual os homens, por intermédio de Cristo, Verbo feito carne, e no Espírito Santo, têm acesso ao Pai e se tornam participantes da natureza divina (Cf. Ef. 2,18; 2 Pd.1,4). Mediante esta revelação, portanto, o Deus invisível (Cf. Cl. 1,15) levado por Seu grande amor, fala aos homens como a amigos (...) e com eles se entretém (...) para os convidar à comunhão consigo e nelas os receber. Este plano de revelação se concretiza através de acontecimentos e palavras intimamente conexos entre si, de forma que as obras realizadas por Deus na História da Salvação manifestam e corroboram os ensinamentos e as realidades significadas pelas palavras. Estas, por sua vez, proclamam as obras e elucidam o mistério nelas contido. No entanto, o conteúdo profundo da verdade seja a respeito de Deus seja da salvação do homem se nos manifesta por meio dessa revelação em Cristo que é ao mesmo tempo mediador e plenitude de toda a revelação".²⁶⁵

Essa afirmação conciliar é razoável e pertinente neste contexto. Pois não se trata mais de um problema de ordem teórica (filosófica ou moral) , mas trata-se agora de um problema histórico: reconhecer que a 'hipótese' foi e é verdadeira na história do homem, muda então completamente a pergunta que devemos fazer, que não é: "É racional e justo o que diz o anúncio cristão?", mas a pergunta deve ser: "É verdade o que aconteceu, ou não?", "É verdade que Deus interveio?".

"Enquanto a descoberta da existência de um *quid* misterioso, do Deus, pode e

²⁶³GIUSSANI, L., OPC, p, 46.

²⁶⁴Balthasar reserva o sexto capítulo de sua obra "**Somente o Amor é Acreditável**" para falar da plausibilidade do amor como revelação. Cf. Balthasar, H., U., von., op., cit., pp. 107-124.

²⁶⁵Constituição Dogmática do Concílio Vaticano II sobre a Revelação Divina: "**Dei Verbum**", em seu nº.2. In: "**Documentos do Vaticano II, Constituições, Decretos e Declarações...**", op., cit., p.116.

deve ser obtida pelo homem através de uma percepção analítica da sua experiência do real (...), o problema do qual agora falamos, sendo um fato histórico, não pode ser verificado com uma reflexão analítica sobre a estrutura da relação do homem com o real. É um dado de fato acontecido no tempo ou não; existe ou não existe, aconteceu ou não aconteceu. Em outras palavras: ou é efetivamente um acontecimento que se deu na existência do homem dentro da história, e por isso requer a constatação de um fato, ou não passa de uma idéia. Diante dessa hipótese, o método é o registro histórico de um fato objetivo. Então a pergunta 'É verdade que Deus interveio na história?' deve se referir àquela pretensão sem precedentes, que representa o conteúdo de uma mensagem bem precisa; é obrigada a se transformar numa outra pergunta: 'Quem é Jesus?' O cristianismo surge como uma resposta a essa pergunta".²⁶⁶

Existe aí um imperativo muito claro: o cristianismo, o conteúdo de sua mensagem se apresenta como um fato (a existência de um ser humano), não é um discurso, uma fábula, uma doutrina vazia ou uma moral. O cristianismo antes de tudo é um fato, um acontecimento, é Deus conosco, um homem que entrou na vida dos homens. A vinda deste homem é uma notícia transmitida até hoje; até hoje aquele evento tem sido proclamado e anunciado como o evento de uma Presença.

"Um homem disse 'eu sou Deus' e isso tem sido narrado como um fato presente: isso exige uma urgente tomada de posição pessoal. Podemos sorrir, podemos decidir não nos ocuparmos disso, o que de qualquer forma significa que decidimos resolver a questão negativamente, que não quisemos dar-mos conta de que estamos diante de uma proposta cujos termos são tão grandes que nenhuma imaginação humana poderia criar algo maior".²⁶⁷

É por isso que a sociedade na pós-modernidade não quer saber desse anúncio, quer confiná-los às igrejas e às consciências dos fiéis.²⁶⁸ O que perturba é justamente a percepção da imensidão dos termos do problema. Se Ele existiu ou não, ou melhor, se Ele existe ou existiu, a maior decisão da existência é constatar ou não esse fato. Nenhuma outra escolha que a sociedade possa propor, ou o que o homem possa imaginar ser importante, tem o mesmo valor que isso. E isso soa como imposição; afirmar o conteúdo cristão parece para a pós-modernidade

²⁶⁶GIUSSANI, L., *Ibidem*, p. 48.

²⁶⁷*Ibid*, *Ibidem*. p. 51.

²⁶⁸O Documento nº. 80 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (C.N.B.B.), no seu segundo ponto (páginas 51-54) nos destaca que a Igreja é chamada a dar a sua contribuição de esperança, neste mundo em que a 'convivência social nos diversos ambientes de vida não melhorou quando a mentalidade descrita como 'iluminista' no ponto anterior do documento se tornou dominante. Segundo o mesmo parece apropriada a palavra do profeta Amós, para que a esperança não falte em nossas casas: "Mudarei o destino do meu povo, eles reconstruirão as cidades devastadas e as habitarão. Repararei as suas brechas, levantarei as suas ruínas" (Am. 9, 14a; 11). Cf. in: **Documento nº. 80 da C.N.B.B., "Evangelificação e Missão Profética da Igreja – Novos Desafios"**, Ed. Paulinas, São Paulo, 2005, pp. 51-54.140)

uma espécie de "despotismo".²⁶⁹ Mas é "despotismo" dar a notícia de algo que aconteceu, por mais proporcional que seja?²⁷⁰ Então o conteúdo do anúncio cristão é: que comendo, caminhando levando normalmente a sua existência de homem disse: 'Eu sou o seu destino. Eu sou Aquele do qual todo o Cosmo é feito'.²⁷¹

"O anúncio da Igreja é precisamente este: o Mistério infinito dirigiu-nos a palavra e veio ao nosso encontro pessoalmente, através do nome e do rosto de um homem, Jesus de Nazaré, e chamou-nos a viver juntamente com Ele por toda a eternidade. Deus ao homem, o homem elevado até Deus nenhuma outra religião possui uma notícia semelhante a esta, nenhuma oferece uma esperança mais audaz. Enquanto os grandes homens religiosos, os profetas e os santos tomam consciência do seu nada perante a grandeza de Deus e se sentem pecadores, Jesus de Nazaré apresentou-se, com tranqüila segurança, como Filho de Deus, igual ao Pai – uma loucura e uma blasfêmia na boca de qualquer outra pessoa".²⁷²

É o único caso na história em que o homem não tenha se divinizado, mas tenha se identificado substancialmente com Deus. Do ponto de vista da história do sentimento religioso da humanidade, é preciso observar que quanto maior a genial idade religiosa do homem, mais ele percebe e experimenta a distância ou a supremacia de Deus, a desproporção entre Deus e o ser humano. "A experiência religiosa é a consciência vivida da pequenez do homem e da incomensurabilidade do mistério".²⁷³

Quanto mais o fascínio do sentimento religioso é profundo, mas se apresenta como um raio que cai ardente, potente e luminoso, e mais o

²⁶⁹ "Despotismo" é: "sm .1. Autoridade ou ato de déspota. 2. sistema de governo fundado no poder de dominação sem freios." (**Déspota**: s2g. Senhor absoluto e arbitrário; tirano). Ferreira, B., H., A., "Minidicionário de Língua Portuguesa", (5a. Impressão), Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1977, p.158.

²⁷⁰ A Igreja não vê como 'despotismo' nem como imposição o anúncio de um Fato: Deus entre nós. Ela, no Concílio Vaticano II, em seu Decreto "Ad Gentes" sobre a Atividade Missionária na Igreja, no seu primeiro número, afirma que anunciar este acontecimento é um dever, gesto de obediência à ordem de seu fundador: "Enviada por Deus às nações para ser 'o sacramento Universal da salvação' (LG, 48), esforça-se a Igreja por anunciar o Evangelho a todos os homens. Fá-lo a partir das exigências íntimas da própria catolicidade e em obediência à ordem de seu fundador (Mc. 16,16). (...) Na presente situação que condiciona de maneira nova a humanidade, a Igreja, sal da terra e luz do mundo (Cf. Mt. 5, 13-14), é chamada com mais instância a salvar e renovar toda criatura, para que tudo seja restaurado em Cristo, e n'Ele os homens constituam uma se família e um só povo de Deus." Cf. "Documentos do Vaticano II, Constituições, Decretos e Declarações...", op., cit., p. 345).

²⁷¹ GIUSSANI, L., OPC, op., cit., p.52. Esse é o núcleo da pretensão cristã.

²⁷² "A Verdade Vos Tomará livres" - Catecismo para Adultos da Conferência Episcopal Italiana, Gráfica Coimbra, Coimbra - Portugal, 2000, nº.38, p.17.

²⁷³ GIUSSANI, L, ibidem. São Francisco de Assis foi visto nos bosques do Monte Alverne, ajoelhado e com o rosto por terra enquanto repetia "Quem és tu? Quem sou eu?" Cf. São Francisco de Assis, "Da terceira consideração dos sacrossantos estigmas". in 'fioretti de São Francisco de Assis', tradução: Durval de Moraes, Petrópolis. Vozes, 1985, p.149. Segundo Pe. Giussani, estabelecendo afinal a diferença abissal entre os dois pólos: o homem e Deus - que criam o fascínio do sentimento religioso.

homem sente a diferença de potencial entre dois pólos (sua distância e a supremacia de Deus). Quanto mais o homem tem em si o gênio religioso, menos sente a tentação de identificar-se com o divino. O homem pode agir "fingindo" ser Deus, mas teoricamente é impossível conceber uma identificação. O homem não pode identificar estruturalmente a sua evidente parcialidade com o todo, a não ser por uma clamorosa e manifesta patologia.

Há na história um fato que tem a pretensão de ser a própria realização da hipótese de que o mistério tenha entrado na trajetória histórica como um de seus fatores, ou seja, como um fator terrestre, encarnado, humano.²⁷⁴ Os Evangelhos são documentos teológicos de que dispomos para mostrar como o problema apareceu pela primeira vez. A natureza desses documentos colocou problemas à investigação histórica. Pe. Giussani coloca aí algumas observações introdutórias, antes de adentrar no puro registro de fatos tais como chegaram até nós. São observações pertinentes e elucidadoras para uma verificação justa destes fatos.

Primeira observação: para evitarmos abordá-los com um método inadequado ao objeto, pois não é possível conhecer um objeto senão através do método que ele exige para ser abordado, é necessário esclarecer aquilo que os Evangelhos não são.

Segundo Schnackenburg, os Evangelhos não são "retratos

²⁷⁴ Cristo é um homem que se disse Deus. A pergunta de Felipe, '*mostra-nos o Pai*', intérprete da interrogação dos apóstolos, que, mesmo seguindo Jesus há alguns anos, não compreendiam bem (como nós não compreendemos bem quando ouvimos a palavra Deus e a palavra Mistério), Jesus responde: '*Quem vê a mim vê o Pai*', (...) Cristo é o único homem na história a que se identificou com Deus, o único que ousou dizer: '*eu sou o caminho, a verdade e a vida*'. Nós, distraídos pelas coisas cotidianas e pela superficialidade do nosso viver, não percorremos a ilimitada desproporção, a distância infinita que separa o homem de Deus, Mas um espírito profundamente religioso, um gênio religioso é aquele que sente enorme essa desproporção e a ensina a todos os outros: que só Deus é Deus. (...) Assim fizeram todos os grandes nomes da história das religiões, até Buda, até Maomé. Moisés tinha um tal sentido da sua própria pequenez diante de Deus que chegou a suplicar-lhe que investisse da sua missão um outro em seu lugar. (...) Único entre todos, único caso no mundo, este homem que é Cristo se diz Deus. Como é bonito percorrer o Evangelho e se surpreender como os primeiros homens, (...) que seguiram Jesus, estes chegaram a não se dar conta que aquele homem era Deus, mas a dizer, repetir certas afirmações que Ele fazia sobre si. Esta é a sua profissão de fé. (...) É este o grande caminho da evidência, da razão: é o caminho da vida, da relação continua, da experiência humana compartilhada (...) Mas quem não sabe segui-lo, quem não ousa o esforço de uma familiaridade, de uma prática de vida não chega a evidenciar a verdade e não encontrará a resposta verdadeira, pessoal e madura para a questão fundamental, definitiva que Jesus lhe dirige: '*E vós, quem dizes que eu seja?*'. GIUSSANI, L., Artigo: "*Cristo a Companhia de Deus ao homem*", in Passos, nº.59 2005, p.58.

estenográficos”²⁷⁵ daquilo que Jesus fazia e dizia; nem podem ou se propõem ser “relatórios ou protocolos históricos”²⁷⁶ de seus discursos. O documento conciliar “*Dei Verbum*” define a atividade dos evangelistas:

“Os apóstolos, após a ascensão do Senhor, transmitiram aos ouvintes aquilo que Ele dissera e fizera, com aquela mais plena compreensão que gozavam, instruídos que foram pelos gloriosos acontecimentos de Cristo e esclarecidos pela luz do Espírito da Verdade. Os autores sagrados escreveram os quatro Evangelhos escolhendo certas coisas das muitas transmitidas oralmente ou por escrito, fazendo síntese de outras ou explanando-as com vista à situação das igrejas, conservando enfim a forma de anúncio, sempre de maneira a referir-se a Jesus com sinceridade e verdade”.²⁷⁷

Desse modo, nas páginas dos Evangelhos, somos alertados de Que não estamos diante de todos os fatos acontecidos, mas certamente de fatos acontecidos, que chegam até nós através da recordação de ‘*testemunhas*’ movidas pela urgência pelo imperativo de torná-los conhecidos a cada indivíduo e toda a humanidade.

Estamos diante de um documento Que tem a ver, como outros, com a memória e de modo original, com a intenção do anúncio. A forma do documento (Evangelho) é dada pela intenção. O Que ele quer percorrer a lembrança de um ‘*fato excepcional*’ transmitido por alguém Que considera vital que os outros o conheçam. Devemos colocar-nos diante dele, assim, como memória e como anúncio. É preciso abordá-lo na sua totalidade e perguntar: É plausível? É convincente? Qualquer outro método evitaria o dado assim como chega até nós e, por isso, seria aplicado a um objeto no fundo inexistente.²⁷⁸ A pretensão de Jesus é precisamente o único fato com o Qual é interessante tomar contato. o único fato que obriga a

²⁷⁵ Schnackenburg, R., “*La Chiesa nel Nuovo Testamento*”, Milão, Jaca Book, 1973, p.14.

²⁷⁶ Schnackenburg, R., “*Il vangelo di Giovanni, I*”, Brescia, Paidea Editrice, 1973, p.26.

²⁷⁷ DV, nº. 19. “*Documentos do Vaticano II, Constituições, Decretos e Declarações*”, op., cit., pp. 127-128. A propósito disso, comenta Walter Kasper: “Distinguem-se três graus na tradição dos Evangelhos: o que Jesus disse e fez; o que os apóstolos depois da Páscoa, à luz da ressurreição e da vida do Espírito, transmitiram (...) com aquela mais completa inteligência de que (...) gozavam; e finalmente o trabalho redacional dos evangelistas que, conforme a situação das igrejas, escolhiam algumas coisas, sintetizavam outras, outras explicavam, conservando o caráter da pregação”. Kasper, W., “*Introduzione alla fede*”, Brescia, Editrice Quereniana, 1985, 1985, p.54.

²⁷⁸ “Manifesta-se em toda a sua impotência o propósito daqueles exegetas, crentes ou não, que procuram uma fotografia por assim dizer ‘neutra’ e uma fita gravada do Jesus histórico. Fotografar é um procedimento físico e a máquina só pode registrar aquilo que se lhe oferece fisicamente, mesmo que se trate de um rosto humano. Ao passo que a historiografia é uma busca do sentido e ela não pode encontrar um sentido maior que aquele que ela está disposta a depositar e a investir antecipadamente. Nesse caso, o que ela está disposta a dar é denunciado pelos clichês dos vários retratos de Jesus. Frequentemente esses retratos fazem desaparecer com algum truque o traço essencial: a pretensão de Jesus, que atravessa todas as suas palavras e suas ações, e que exige de seus historiadores que não reduzam excessivamente o sentido”. Balthasar, H., U., von, “*La percezione della fonna. gloria(...)*”, op., cit., , pp. 509-510.

inteligência do homem, e que exige imperativamente uma solução.

"Ora, a convicção nasce sempre de alguma coisa que se '*demonstra*'. Mas como já tive ocasião de dizer.²⁷⁹ para as coisas mais importantes da vida, essa demonstrabilidade não pode jamais ser de tipo matemático ou dialético. Esse tipo de demonstração tem mais a ver com uma criação ou uma convenção nossa. A demonstração de que estamos falando é dada pelo encontro evidente com um fato, pelo contato com um acontecimento".²⁸⁰

A essa altura, é necessário recordar Que nenhum contato poderá acontecer se não estivermos dispostos a nos deixar provocar pela realidade daquele 'fato'. O preço Que se paga ao reduzir esse fato nos levaria inevitavelmente a perder de vista que só a imponência daquela inaudita pretensão confere interesse à busca, e essa imponência só pode ser procurada na totalidade do 'fato'. Portanto, é preciso deixar-se provocar pela totalidade do fato, que não consiste num inventário completo de seus fatores. Partir do senso religioso para o acontecimento de Cristo tem por objetivo percorrer as etapas de um encontro com o portador e objeto da mais extraordinária pretensão que já houve na história humana.

Segunda observação: quanto mais alguém é potentemente humano, tanto mais é capaz de chegar à certeza sobre um outro a partir de poucos indícios. Nisso reside justamente o gênio humano. Mas, a inteligência do homem de hoje não é suficientemente treinada para realizar uma série de operações vitais por causa da estratificação de preconceitos que a tornaram como que caduca. Uma inteligência que reconhece os indícios, a fim de encontrar a certeza existencial sobre algo de fundamental para a sua existência, é mais aberta do que aquela que nega a priori a possibilidade de fazê-lo. É preciso, portanto, treinar a inteligência na unicidade de uma medida nova.

3.3 Os Mistérios Centrais De Cristo

Esta medida é o Mistério que escolheu entrar na história do homem com uma história idêntica à de qualquer homem; por isso entrou na história de modo imperceptível, sem que ninguém o pudesse observar e registrar.

²⁷⁹Cf. GIUSSANI, L., "*O Senso Religioso...*", op. cit., pp. 33-34.

²⁸⁰GIUSSANI, L., OPC, op., cit., p.59.

3.3.1 O Mistério da Encarnação

Num certo momento, ele se colocou, e, para quem o encontrou, esse foi o grande momento de sua vida e de toda a história. A partir desta importantíssima premissa, Pe. Giussani utiliza, como ponto de partida para este fato (o Mistério que entra na História do homem), uma belíssima página do Evangelho de São João. Este, sem dúvida alguma, é um Evangelho que "se baseia na autoridade de um discípulo do Senhor, (...) expoente da tradição e 'testemunha'".²⁸¹

Essa testemunha extraordinária quis que nos lembrássemos do momento no qual, pela primeira vez, a presença de Jesus se impôs como interrogação suprema. Pe. Giussani apresenta de maneira viva, num texto chamado "*Reconhecer Cristo*", esta página do quarto Evangelho (Cf. JO.1, 35-51), como que se sublinha um caderno de anotações, aquilo que ele chama de o primeiro instante, o primeiro sobressalto do problema de Cristo assim como se apresentou na história.²⁸²

"A anotação quer ser um sinal para uma memória em atividade, para um influxo já vivido, diferentemente de um romance, na qual o leitor é conduzido através de uma descrição detalhada que tem como ideal a recriação de uma continuidade até nos detalhes por uma completude sem vazios. O romance tem um público, a anotação tem um usuário. A anotação é concisa e quem a usa imagina o que não é dito entre uma frase e outra, imagina o que aquelas poucas palavras precisas deixam à lembrança. É o fenômeno da memória. A memória não conserva o passado segundo a seqüência ininterrupta dos fatos, mas o deixa gravado através de fragmentos. (...) Ora, a página que vamos considerar exprime a memória de um homem que conservou no olhar e no coração, durante toda a vida, o instante em que sua existência foi tomada por uma presença e virada pelo avesso. Conservou com lucidez esse momento até a velhice, mas naquele momento certamente não se deu conta da plenitude e da totalidade que encontrava".²⁸³

Jesus, depois daqueles encontros descritos por Pe. Giussani no citado "*Reconhecer Cristo*", continuava a viver como todo mundo e, como sempre, estava ocupado com seus afazeres. Mas aquelas três ou quatro

²⁸¹Hoje os juízos mais radicais foram revistos pela própria ciência (por exemplo, depois da descoberta de papiros muito antigos, especialmente o 'p 52' do ano 130, foram revistas as datações mais tardias e chegaram até o século II adiantado) e é também mais estimado o valor histórico de algumas informações do Evangelho de João. " Schnackenburg, R., "*vangelo...*", op., cit., p.94.

²⁸²Até a idade em que começou a falar em público, Jesus viveu como qualquer outro jovem e observava rigorosamente os ritos religiosos de seu povo. Naquela época, João Batista era muito famoso; falava-se dele como do profeta que havia 150 anos fazia falia ao povo hebraico, cuja caminhada até então tinha sido sempre acompanhada pelo fenômeno profético. João Batista, ou seja, aquele que batiza, interrompia, finalmente, um período que era visto pelo povo como uma seca desconcertante. Gente de toda a Galiléia e da Judéia ia ouvi-la. Diríamos hoje que ele era a meta de algo semelhante a uma peregrinação. Jesus também foi ter com ele". Cf. Rondoni, D., "*Comunhão e Libertação*", op., cit., p.7-15.

²⁸³GIUSSANI, L., OPC, op., cit., p. 66.

peças que Ele tinha impressionado tanto, tinham-se tomado seus amigos e iam procurá-la. É a transformação do reconhecimento em convicção, embora carregada de evidência, a confirmação do caráter excepcional do fato.²⁸⁴

"E como é que entrou na história? Apresentou-se como a notícia, o anúncio de Deus, o Mistério que se fez '*carne*', presença integralmente humana. Exatamente como um amigo, Ele é a presença integralmente humana para o amigo que encontra pela rua, como uma mãe é presença integralmente humana para o filho com o qual convive. Com Jesus podiam falar, discutir, podiam reagir ou aderir àquilo que dizia nas praças, e Ele podia responder, corrigir: era uma realidade objetiva que educa a subjetividade do homem. (...) Uma presença integralmente humana, portanto, implica o método do '*encontro*', do deparar-se com uma realidade externa a si, é presença objetiva eminentemente encontrável que atinge o coração, mas que se acha '*fora*' de si: o termo '*encontro*' possui um aspecto exterior tão decisivo quanto o interior".²⁸⁵

Esta é a nota dominante do anúncio cristão: "Deus é o '*Emanuel*', Deus é '*Deus-conosco*', (...) se fez companheiro e amigo do homem. Se, pois, Deus está conosco, este anúncio comporta um encontro: o encontro com o '*Emanuel*' ("Deus-encontro"), o Encontro com Jesus Cristo²⁸⁶, o acontecimento por excelência da história. Essa é a grande manifestação (Epifania) de Deus é a certeza de que 'alguém', digo, 'alguém' nos aconteceu, que se deu conosco, que entrou em nossa vida, que foi encontrado por nós. A nossa identidade, a consistência da nossa pessoa, "coincide" com este alguém que nos aconteceu. A palavra 'encontro' reflete a forma externa e contingente com a qual o acontecimento se apresentou, mas não representa o conteúdo do próprio acontecimento. 'Alguém' nos aconteceu, deu-se a nós, deu-se tanto a ponto de se inserir na carne, nos ossos e na alma: "Já não sou eu quem vivo é Cristo que vive em mim" (Gl. 2,20).²⁸⁷ A forte acentuação do cristianismo enquanto

²⁸⁴Cf. Ballhasar, H., U., von, "*La percezione...*", op., cit., p. 428.

²⁸⁵"Quando se encontra uma pessoa importante para a nossa vida, há sempre um primeiro momento em que o pré-sentimos (...) Mas só o espaço conferido à repetição dessa documentação confere à impressão um peso existencial. Isto é, só a convivência faz com que essa impressão vá penetrando cada vez mais profunda e radicalmente em nós, até que, num certo momento torna-se certeza. Esse caminho de 'conhecimento' receberá muitas outras confirmações no Evangelho, isto é, (...) a expressão '*os seus discípulos acreditaram nele*' será repetida muitas vezes, até o fim. Esse conhecimento será uma persuasão que irá avançando '*lentamente*' e nenhum passo sucessivo desmentirá os precedentes: também antes haviam acreditado. A convivência confirmará aquela excepcionalidade, aquela diversidade que desde o primeiro momento os impressionara. Com a convivência, a cada nova confirmação vai se ampliando uma nova certeza". Cf. GIUSSANI, L., "*Por Que a Igreja?..*" op., cit., p. 41.

²⁸⁶Santoro, F., "*La comunità Condizione della Fedde*", Ed. Jaca Book, 1976, p.137.

²⁸⁷Cf. GIUSSANI, L., notas de uma palestra num retiro aos consagrados de CL em Pianazze (Itália), 06 de janeiro de 1974 intitulado: "*Natal: o mistério da ternura de Deus*". In: *Passos*, nº. 68, 2005, p. 2.

acontecimento da pessoa 'Cristo' na história, própria de Pe. Giussani, está fundamentada nos Evangelhos, particularmente em São Lucas. De fato, dizem os Evangelistas: "Disseram entre si: 'vamos a Belém e vejamos o que aconteceu, que o Senhor nos deu a conhecer'" (Lc. 2, 15). Na esteira de nosso autor, Ângelo Scola assim comenta essa passagem:

"Nesta narração, temos duas palavras que assinalam o método que Deus escolheu para se revelar: ver ('*vejamos*') e acontecimento ('*aconteceu*'). A palavra ver indica uma relação física com o que aconteceu, tanto que os pastores começam a movimentar-se para chegar a ver. Também o Evangelho de João está todo entremeado desse ver que implica o tocar, o escutar, o comunicar. Trata-se de uma realidade física, corporal. A palavra acontecimento indica que aconteceu algo de extraordinário, porém, algo de carne e osso. De fato, os pastores não disseram '*vamos ver um rabino*' ou '*vamos aprender uma doutrina*', mas '*vamos ver o que aconteceu*'.²⁸⁸

Dois fatores determinam a excepcionalidade desse acontecimento: primeiro – há, nesse fato, um elemento que ultrapassa o fato; tem uma raiz que é mais potente que o Mistério; segundo – sendo algo que surge do Mistério, esse fato assume, aos olhos dos expectadores, daqueles que O encontraram, uma dimensão extraordinária, que surpreende o coração humano: "Vendo-o, contaram o que lhes fora dito a respeito do menino; e todos os que (O) ouviram ficaram maravilhados com as palavras dos pastores" (Lc. 2,17-18).

Para nosso autor, o Cristianismo é, portanto, um fato: uma história real com eventos acontecidos. Eventos estes que nós contemplamos na fé, tentando elevar da história para o mistério, ou seja, tentando descobrir o mistério dentro daquela história humana. Porém, o ponto de partida do método cristão é o ver com os olhos da carne: partindo dos sinais, de 'algo' percebido pelos sentidos e, depois, chegamos ao 'conhecimento' do Mistério de Deus na realidade sensível.

"O que caracteriza o cristianismo é que Cristo é um acontecimento, um fato, uma presença dramática, isto é, inquietante e provocante no presente. A fisicidade de Cristo: eis exatamente o que a mentalidade dominante tenta exterminar. Essa, realmente, é a excepcionalidade do cristianismo: em Cristo habita a plenitude da divindade".²⁸⁹

É também muito significativo o que disse a esse respeito Von

²⁸⁸Scola, A., "Cristo (Evento Revelador da Trindade, Resposta ao Enigma do homem)", in *Communio*, n.º. 12 (1997), 20.

²⁸⁹GIUSSANI, L., "*L'Avvenimento Cristiano*" - *Uomo Chiesa Mondo, parte seconda... Chiesa Corpo Vivo di Cristo*, Ed. Rizzoli, Milão, 1993, pp.242-243.

Balthazar em sua obra *'Estilos Eclesiásticos'*:

"Irineu escreve: *'a verdade procura a fé, porque a fé tem como objeto as coisas como elas são'*. Por isso não se trata em primeiro lugar de pensar, ou seja, de aplicar categorias platônicas e intelectuais às coisas, mas de ver aquilo que é. De ver. Ambos os termos – *'videre'* e *'ostendere'* – voltam com frequência em Irineu. *'Videre'*, mais uma vez, não é tanto a contemplação de Platão, mas estar diante da evidência dos fatos".²⁹⁰

Pois se o acontecimento cristão é o deparar-se com um fato, uma Presença, então o ponto de partida para compreender o Mistério contido nesta Presença não é o caminho da inteligência humana (raciocínio), mas, sim, a simplicidade de um olhar (observação/contemplação). Essa descoberta de um homem incomparável, que impressionava aqueles que o seguiam, vai descortinando toda a sua pedagogia revelativa, que mostraremos no próximo capítulo deste trabalho. O maior seu milagre era um olhar revelador do humano, ao qual era impossível subtrair-se. Jesus via dentro do homem, ninguém podia esconder-se diante d'Ele. As consciências diante da profundidade d'Ele não guardavam seus segredos (cf. o exemplo da samaritana em Jo. 4,1-12). Aqueles que conviveram com Jesus, não viram n'Ele apenas um olhar poderoso, mas inteligente, prodigioso e cativante, e sobretudo um olhar de bondade. As suas atitudes eram *'regeneradoras de tudo'*. Isso tem um grandíssimo valor humano, de realização do humano.

Com base na convivência com a excepcionalidade do ser e das atitudes de Jesus, aquele pequeno grupo não poderia deixar de confiar nas suas palavras, por isso teria que negar uma evidência mais persuasiva que os seus próprios olhos. A contínua reiteração dessa impressão de excepcionalidade proporcionada pela convivência determinava um juízo racionalmente plausível, justificando a confiança n'Ele. Esta com o tempo adquiriu uma certeza sem precedentes quanto àquele homem.²⁹¹

Evidentemente, aquela excepcionalidade aos olhos da multidão que ia vê-Lo por curiosidade ou por interesse para, em seguida, afastar-se

²⁹⁰Balthazar, H., U., von, *"Estilos Eclesiástico"*, apud Potterie, I., de la, *"A Evidência dos Fatos"*, in: *"30 Dias"*, nº. 4, 1994, p.45.

²⁹¹É o que Pe. Giussani chama de critério de certeza moral, que pode ser aprofundada na sua obra intitulada: *"É Possível Viver Assim?..."* op., cit, pp. 21-62.

sem nada enfrentar daquilo que mal havia tocado, não podia determinar juízo algum digno do nome. Um juízo requer que se confronte experiência incluindo nela o tempo de sua "duração". Sem o tempo dessa convivência, não se conheceria realmente Cristo, enquanto que a certeza moral de sua pessoa, fruto de uma disponibilidade aberta e fiel no tempo, não passaria de uma teoria, ou seja, de uma existência racional.

Jesus esperou que o tempo fizesse com que os discípulos se tornassem mais seguros do seu apego e os inimigos mais pertinazes sua hostilidade. Jesus esclareceu o seu mistério quando os homens já estavam definitivamente fixados, fosse no reconhecimento, fosse no desconhecimento em relação a Ele (Cf. Lc.2,33-35).

Deus se manifesta em toda a sua realidade sensível e particularmente no desejo do coração humano.²⁹² O fato cristão não é uma teoria, mas sim uma *'verdade sinfônica'*²⁹³, ou seja, o grande acontecimento de Deus que irrompe na história humana na pessoa de Jesus Cristo, que se imola por amor para salvar todo o gênero humano e toda a realidade:

"Do seio de um Outro misteriosamente nascemos, de um coro que é por um Outro misteriosamente constituído, é feito, e encantadoramente canta, apesar de tudo; até as folhas que caem fazem parte deste canto, e torna-se positivo até o seu apodrecer. É a vitória que a fé reconhece (esta é a vitória que vence o mundo: a fé). A vitória do Mistério, do Onipotente, do Pai, pela qual o homem Jesus, bem consciente, primeiro entre todos nós, aceitou morrer assassinado injustamente: *'Se é possível, que seja diferente; porém não a minha, mas a Tua vontade seja feita'*. Quantos entre os nossos

²⁹²"A nossa vida, justamente contente, até certo ponto até satisfeita, não pode ser tensa, densa, sem que se responda a esta pergunta. Por que Cristo veio no seio de Maria? Por que Cristo viveu na sua casa de Nazaré? Por que Cristo se moveu para ir trabalhar na oficina do pai e na grande oficina do Pai - com 'P' maiúsculo - que eram as estradas da Judéia, da Galiléia, da Sanaria, de Jerusalém? (...) É como se a nós faltasse algo, que é o êxito do nosso empenho, o êxito do dom que somos. E é este algo que falta que, apesar de tudo, sustenta o dom que somos, sustenta o nosso empenho; ele dá a razão, a razão do tempo, do espaço, razão comensurada à história do homem, proporcionada à história do homem. Cristo veio para fazer tudo isto, para dar sua vida como salvação do homem: *propter nos homines*. É como se a nossa vida fosse um feto em que a cabeça não tivesse ainda a sua formação. (...) A esperança diante do presente é o cumprimento do presente, é o realizar-se do presente, é o realizar-se completo da satisfação, a esperança ditada pela paixão do mundo, o atormentar-se pelo fato de que os homens não conhecem Cristo ou, segundo uma fórmula mais amorosa, pelo fato de que Cristo não é reconhecido pelos homens. (...) É por causa disso que nos levantamos de manhã, que vamos trabalhar, que dizemos uns aos outros as primeiras palavras, (...) depois voltamos a repousar para que no dia seguinte uma vez mais reaconteça tudo. (...) A primeira característica do homem vivo é, portanto, a fé segundo o desenvolvimento que ela origina, esperança e paixão por Cristo e pelos homens". Cf. GIUSSANI, L., in *Litterae communionis*, nº. 47, 1995, p. 16.

²⁹³Este termo é retirado da obra "*A Verdade Sinfônica*" de Hans Urs von Balthasar, que é traduzida do título em italiano "*La verità é sinfônica – Aspetti dei pluralismo Cristiano*", 2ª. Edição. Ed. Jaca book, 1979, que tem como título original em alemão "*Die Wahrheit ist syphonisch*".

nos testemunharam, através dos parentes ou diretamente, antes de morrer, este '*seja feita a Tua vontade*', que a Sua vontade é misericórdia, é recomposição de tudo, é a salvação de tudo: '*Omnis creatura bona*', toda criatura é bem e retoma para o bem, e a alegria está no coração do homem que aceita este designio misterioso. (...) Estes são os três fatores fundamentais do ser novo, da ontologia nova que entrou no mundo historicamente. Entrou uma ontologia na história; a ontologia, ao invés de estar na origem, penetrou no tecido da história, dilacerando-o como o véu do templo quando Cristo morreu. Mas desta dilaceração emergiu uma novidade mais bonita; a positividade de tudo. Tudo é abraçado pela misericórdia, tudo se toma prelúdio de festa, daquele '*reino celeste que realiza toda a festa que o coração ansiou*'. (desde o primeiro ano do ensino médio que eu repito para mim mesmo esta frase de Jacopone de Todi)".²⁹⁴

Segundo nosso autor, toda cristologia deve partir do fato de que a unidade do cristianismo não é um pensamento, uma ideologia; não é sequer o ensinamento de um discurso. Não é uma idéia ou uma filosofia, mas o anúncio de uma presença: '*Jesus Cristo*', Verbo encarnado, centro da história.²⁹⁵ Nele o tempo torna-se uma dimensão de Deus, que em si mesmo é eterno.²⁹⁶ Esta afirmação, que também tem em João Paulo II seu concordante, trata-se de uma afirmação "pretensiosa"²⁹⁷ e própria do cristianismo. Nas demais religiões é o homem que vai ao encontro de Deus²⁹⁸:

"Deus, o Mistério que faz todas as coisas, aquele Mistério para o qual justamente trezentos representantes de várias religiões junto com o Cardeal de Milão chamaram a atenção de todo o mundo naquela sua breve procissão em Milão, concebido de trezentas maneiras diferentes, ou melhor, imaginado, e depois com temor e tremor definido; aquele Mistério envolveu-se com o homem. (...) Que embaraço quando, chamado pela primeira vez pelos monges budistas do monte Koya, falei do cristianismo, falei do cristianismo no centro cultural da cidade de Nagoya (Japão). Durante nove décimos, e até mais falei-lhes do Mistério que se revela na harmonia das coisas, que é o tema deles, pelo qual adoram (...) E o disse: '*Esta harmonia universal, este Mistério pelo qual o espinho de cacto tem valor, pelo qual o espinho de rosa tem valor, envolveu-se com o homem como um homem; tomou-se semente no ventre de uma mulher, de uma menina: tornou-se um homem, falava nas praças, sentava para jantar, mataram-no por isto*'. Mataram-no por isto e desde então o têm matado por isto. Pois os homens são tão abertos a aceitar o Mistério último implícito no senso religioso de que a razão é feita, são tão abertos diante das hipóteses formuladas mais ou menos poeticamente, mais ou menos filosoficamente, quantos são intransigentes e intolerantes:

²⁹⁴Cf. GIUSSANI, L., "*Deus e o Homem*", in *Litterae communionis*, nº. 45, 1995, pp. 19-30.

²⁹⁵GIUSSANI, L., "*Por Que a Igreja...*", op., cit., pp.9-10.

²⁹⁶Cf. João Paulo II, Carta apostólica "*Tertio Millenio Adveniente*", nº. 10, Ed. Paulinas, São Paulo, 1994, p.18.

²⁹⁷"O momento em que essa sintonia ficou mais clara foi quando, durante um encontro com um grupo nosso, o Papa afirmou textualmente: '*o vosso modo de enfrentar os problemas do homem é muito semelhante ao meu; antes direi que é o mesmo*'. Esta expressão declara também em que consiste tal consonância: a mensagem cristã é buscada e entendida como resposta à problemática humana sentida seriamente; a mensagem cristã é proposta e descoberta como uma correspondência inusitada às necessidades humanas". In '*CL*' – "*Comunhão e Liberdade*", nº. 24, 1991, p.6.

²⁹⁸Cf. GIUSSANI, L., "*Deus e o Homem...*", ibidem, p.22.

é intolerável conceber que Deus, o Mistério, tenha se envolvido com o homem, tornando-se um homem como Sauro (amigo de Pe. Giussani que estava ao seu lado ouvindo a palestra), como você, como eu, (...) O mistério envolveu-se com a nossa existência, tomou-se fator protagonista desta história, e foi Ele que nos chamou para nos tomar protagonistas com – ‘com’ - com Ele da História”.²⁹⁹

No cristianismo é Deus, Deus que vai ao encontro do Homem no tempo e na história: “*E o Verbo se fez carne e habitou entre nós...*” (Jo.1,14.); Cristo Jesus, sendo Ele de natureza divina aniquilou-se a si mesmo assumindo a condição de servo e assemelhando-se aos homens (Cf. Fl. 2, 5-7).

O grande mistério da piedade divina: é o fato de que “*Cristo tenha se manifestado na carne*” (Cf. Fl. 2, 5-7) . Um místico oriental conhecido como Dionísio, o Areopagita, escreveu:

“A encarnação de Jesus segundo a nossa natureza é inefável para qualquer língua, não pode ser conhecida por nenhuma inteligência (...); e o fato de que Ele tenha assumido uma substância humana foi concebido por nós como um mistério?”.³⁰⁰

A centralidade do evento Cristo tem seu fundamento no fato de que Jesus é a revelação definitiva de Deus, e que Ele é o Verbo de Deus feito carne, o salvador universal: “pois nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade” (Cf. Cl. 2, 9).³⁰¹

Ao contrário das outras religiões, cujo tempo se opõe a Deus e a sua salvação – porque para elas a noção de tempo é cíclica e repetitiva, por isso a salvação é um êxodo, ou seja, sai do tempo – no cristianismo o tempo se exprime de forma linear, indicando que o tempo e a salvação são destinados a encontrar-se na história, que é o meio pelo qual Deus se serve para encarnar-se, para revelar-se e para derramar sua Graça. Esse é o ponto de partida da reflexão Cristológica de Giussani. Para ele, levar a sério a pretensão de Cristo e sua centralidade cósmica³⁰² é

²⁹⁹Ibid, ibidem.

³⁰⁰Scazzosso, P., “*Dionísio o Areopagita, Uma strada a Dio*”, Jaca Book, Milão, 1989, p.63.

³⁰¹Segundo Ângelo Amato trata-se aí do “*ephápax cristológico*”, que indica um acontecimento salvificante nascente, irrepitível e acontecido uma vez para sempre (o termo ephápax, quer dizer: uma só vez para sempre, ou de uma só vez e aparece no novo Testamento nos seguintes textos: Rm. 6,10; Hb. 7,27; 9,12; 9,28; 1 Pd. 3,18) Cf. Amato, A, “*Gesú Il Signore...*”, op., cit., p.14.

³⁰²A centralidade de Cristo é o pano de fundo do pensamento do papa João Paulo II. Ele inicia sua Carta Encíclica *Redemptor Hominis* (4 de março de 1979) afirmando: “O ‘*Redentor do Homem*’, Jesus Cristo, é o centro do cosmo e da história”. O Papa assim continua no n.º.7: “a única orientação do espírito, a única direção da inteligência, da vontade e do coração para nós é esta: na direção de Cristo, Redentor do homem; na direção de Cristo, Redentor do mundo. Para

profundamente racional, porque ela (pretensão) se apresenta como um 'fato' na história, como um 'fato' gerador de um "novo ser", de uma nova criação.³⁰³ Sustentar a priori a impossibilidade desse 'fato', isto sim é irracional, na medida em que assim fazendo se elimina a categoria da possibilidade, que é própria da razão, de uma razão autêntica.³⁰⁴

"Enquanto obra divina, a Encarnação é um mistério – mas é mistério de modo particular em seu resultado: o acontecimento que resulta da Encarnação transcende os limites dos acontecimentos naturais. (...) Além de aceitar o mistério da Encarnação como o fato mais significativo da história da humanidade mesmo sem poder compreendê-lo, a tarefa de nossa consciência deve ser a de compreenderem claramente os seus termos, isto sim é uma coisa possível. É também tarefa da nossa consciência verificá-lo como não contraditório com as leis da nossa razão e, enfim, dele extrair luz para uma melhor compreensão da existência humana".³⁰⁵

Afirmar que Jesus é homem-Deus não significa que Deus tenha se "*transformado num homem*"; significa sim que a Pessoa divina do Verbo possui, além da natureza divina, também a natureza humana' concreta do homem. Isso significa que o mistério da Encarnação estabelece um método que Deus considerou oportuno usar para ajudar o homem a chegar até Ele. Em suma, salvar o homem através do homem, isto é, de uma realidade sensível, palpável, sacramental.³⁰⁶ É exatamente o que tinha afirmado Santo Atanásio:

"O Verbo (...), tomado de compaixão pelo gênero humano e pela nossa enfermidade, não quis que permanecêssemos vítima da morte. (...) Por isso assumiu ele mesmo um corpo igual ao nosso (...). Ele mesmo fez da Virgem um Templo, isto é, um corpo e, habitando nele, fez dele um elemento para poder manifestar-se".³⁰⁷

Ele queremos olhar, porque só nele, Filho de Deus, está a salvação, renovando a afirmação de Pedro: '*Para*' quem iremos nós, Senhor? Tu tens palavra de vida eterna" (Jo. 6,68s).

³⁰³Cf. GIUSSANI, L., OPC, op., cit., p.143.

³⁰⁴"A **oposição entre razão e fé** poderia reduzir-se a essa oposição entre uma razão habituada a conhecer um certo dado e a aceitação da novidade, (...) que exige uma renovação da razão (...). Em nome dessa jurisdição do antigo sobre o novo, uma razão que se recusa à criação do novo não poderia sequer crer na possibilidade da criação do mundo e de si mesma, como observa S. Justino (I Apologia, XIX). Esse é o sinal de um sofisma habitual do pensamento, que se atribui o direito de julgar antecipadamente o que é possível e o que é impossível em nome do dado real, antigo, como se a realidade não estivesse sempre em fase de invocação, de criação. Assim, levando ao extremo, essa razão não poderia admitir mais que o nada se tivesse sido pedida a sua opinião". Tresmontant, C., "*L'intelligenza di fronte a dio*", Jaca Book, Milão, 1981, p.111.

³⁰⁵GIUSSANI, L., ibidem, p.145.

³⁰⁶GIUSSANI, L., ibidem, pp. 148-149.

³⁰⁷Atanásio, "*L'Incarnazione dei Verbo*", Ed. Città Nova, Roma, 1976, pp.52-53.

Nesta mesma perspectiva, Pe. Giussani nota que o envolvimento de Deus com o homem se dá através de um ponto preciso, carnal, no tempo e no espaço. Esta é a noção de templo. Maria é o primeiro templo de carne que Deus escolheu para (n'Ele) habitar. Nosso autor usa uma expressão lapidar que é título de um dos seus mais belos textos: "*Deus: o tempo e o templo*"³⁰⁸, assume no tempo e na história uma morada humana, ou seja, no tempo se faz templo vivo da presença de Deus.

O fato é que se o Mistério não tivesse rompido a distância que existia entre Si e o homem e, portanto, se não tivesse se tornado visível, tocável, audível, o pensamento humano não poderia agarrá-la como agarra o significado de um rosto, não se afeiçoaria a Ele como a uma pessoa. O Mistério tendo assumido um rosto humano, torna-se mensurável, com a medida do tempo e do espaço, é visível, tangível, audível: a nossa inteligência pode dar-se conta d'Ele, surpreender a sua profundidade e afeição; pode mover-se para Ele. "Para fazer-se conhecer, Deus entrou na vida do homem, segundo uma forma humana, de tal modo que o pensamento humano e toda a sua capacidade de imaginar, a afetividade e todo o seu sonhar ficaram como que 'bloqueados', magnetizados".³⁰⁹

Por que "bloqueados"? Porque a partir do momento em que há o encontro, o homem não pode mais honestamente desejar conhecer a Deus, senão olhando aquele Rosto, fixando o seu pensamento e a sua imaginação sobre aquele Rosto que, de resto, o prende, o atrai e o ajuda nesse caminho com sua beleza e sua graça. Dessa compreensão do método da revelação de Deus afirma Santo Tomás de Aquino na sua reflexão teológica:

"Para que se tomasse fácil o acesso do homem a Deus, era conveniente que a Deus fosse elevado a partir de coisas que lhes são acessíveis tanto pela inteligência

³⁰⁸Cf. GIUSSANI, L, "*Deus: o Tempo e o Templo*" in *Litterae Communionis*, nº. 44, 1995, pp. 17-32. Comenta Stefano: "Esta obra Pe. Giussani desenvolve a palavra templo através de formulações diversas. (...) Mas, sinteticamente, essa palavra templo exprime a grande lei do dinamismo, através da qual Deus investe o tempo e o espaço e permanece na história do fluir dos dias, dos anos, dos séculos: é a lei da eleição. Deus escolhe homens no tempo e no espaço, e os chama a viver em um lugar físico, visível, concreto, nos quais Ele, o Senhor, seja reconhecido como Senhor de cada coisa: do tempo, do espaço, dos afetos, da amizade, do trabalho, da alegria e da dor, da vida e da morte, do vigiar e do dormir. O envolver-se de Deus com o homem: esta é a genial idade do método do Senhor". Cf. Também: Alberto, S., "*il Tempo e Il tempio*", in *libra dei meeting*, 95, Farenza, Rimini, 1996, p.127.

³⁰⁹GIUSSANI, L, "*É, Se Opera*", suplemento de "*30 Dias*", nº. 2, 1994, p. 70-71.

quanto pela afeição (...). Para que isso fosse possível, Deus se fez visível, assumindo a natureza humana, para que a partir das coisas visíveis pudéssemos amar e conhecer as coisas visíveis".³¹⁰

Diante da presença visível do Mistério feito carne, o homem não pode deixar de assumir uma posição. Kierkegaard escreveu em seu diário:

"A pior forma de escândalo, humanamente falando, é deixar sem resposta o problema a respeito de Cristo. (...) Que o cristianismo te foi anunciado significa que tu deves tomar posição diante de Cristo. Ele, ou o fato de que Ele existe ou que existiu, é a decisão de toda a existência. Se Ele te foi anunciado, é um escândalo dizer. 'Não quero ter opinião sobre isso', porque ninguém pode ter a audácia de não se interessar pela vida de Cristo".³¹¹

Pe. Giussani, ao comentar esta colocação de Kierkegaard, afirma:

"O homem é obrigado a dizer sim ou não. Quando é atingido pela notícia de um homem que se declarou 'Eu sou Deus', nenhum homem poderá desinteressar-se disso, terá que buscar convencer-se de que a notícia é verdadeira ou falsa. Um homem não pode passivamente aceitar de fora, distraído, um problema desse tipo. É nesse sentido que Kierkegaard usa a palavra 'escândalo', segundo a sua etimologia grega, onde 'skándalon' significa impedimento. O homem que logo ou lentamente deixasse de lado a possibilidade de formar uma opinião pessoal sobre o problema de Cristo impediria a si mesmo de ser homem".³¹²

3.3.2 O Mistério da Redenção

A esta altura de nosso trabalho, já é possível nos remetermos à pergunta que atravessa o princípio e o fim de toda esta trajetória de Pe. Giussani. Quem é Jesus Cristo? Como dar razão não só à sua vida, mas também à sua singular pessoa, de modo que resulte compreensível para as dramáticas perguntas que irrompem em nossas consciências de filhos da pós-modernidade? Como explicar a Sua pretensão que se ergue já com caráter definitivo (escatológico) frente à pretensão de um mundo que quer a sua auto-salvação ('Autosoteria')? A chamada "pretensão Cristã" ganha a sua plenitude na Obra da Redenção, na vitória da cruz. Assim como Balthasar, Giussani compreende que desde o interior da Revelação

³¹⁰ "Summa Theologiae", III, q. I, a.1, apud Carrón, J., & Ventrino, F., "Parole ai Preti", Società Editrice Internazionale, Torino, 1996, p.15.

³¹¹ Kierkegaard, S., "La Mallatia Mortale", apud: GIUSSANI, L., OPC, op., cit., p.49.

³¹² Ibid. p. 49.

(Trindade Imanente) a possibilidade de Cristo, o homem-Deus (Verbum-caro), ser a Alteridade suprema, o toma ícone perfeito do Pai na sua entrega total na cruz. Este caminho é um caminho pelo qual agora devemos seguir; e está marcado pela erupção do amor de Deus no drama da história humana, que converte o acontecimento Redentor em um verdadeiro Teodrama. É na ação dramática e silenciosa da cruz que as perguntas continuamente suscitadas pela sua presença se entrelaçam com as perguntas aguçadas que o homem faz dentro de si mesmo, e no âmbito de sua própria existência. É exatamente ali, no Calvário, no duro confronto entre a liberdade de Deus e a liberdade humana que Deus revela o seu rosto misericordioso, que ilumina o enigma da existência. Tanto mais a reflexão sobre Cristo se torna um acontecimento ontológico, existencial, mais uma experiência viva, muito diferente de um tratado escolástico, tem-se o mérito de encarar, de modo sintético, todos os temas centrais pertencentes a este tratado conforme a sua originalidade, já descrita. Ou seja, tornamo-nos mais originais quando partimos de uma experiência existencial da realidade, e não de uma análise intelectual da mesma.³¹³ Para compreendermos o Mistério da Redenção na reflexão teológica de Pe. Giussani se faz necessário compreender o significado de três palavras (centrais e essenciais) presentes no calvário e ensinadas por Cristo, em seu gesto redentor. São elas: *sacrifício*, *amor* e *misericórdia*.

a). *Sacrifício*: A palavra sacrifício, historicamente, começou a se tornar uma palavra grande desde o momento que Deus se tornou um homem, nascendo de Maria (uma jovem), quando ela foi servir a sua parenta Isabel, no momento em que ela foi com José para Belém e não encontrou hospedagem, na hora que eles foram pelo deserto para o Egito, quando era pequeno; começou a ajudar seu pai adotivo (S. José) na carpintaria; e depois começou a sair de casa; começou sua missão; começou a falar ao povo; começava a realizar gestos (ou milagres); ficava sozinho – em oração –; dizia a verdade, seja pelo anúncio dela ou pela denúncia da mentira, da hipocrisia, ou até quando, finalmente,

³¹³Cf. Scola, A, "*Hans Urs Von Balthasar...*" op., cit., pp.79-80.

prenderam-No e O mataram, pregado numa cruz e gritou "Pai, por que me abandonaste?" – que é o grito mais humano que se ouviu no ar da terra –, e depois gritou "Em Tuas mãos entrego o meu espírito". Desde aquele momento, a palavra sacrifício se tomou o centro, não da vida de Cristo: tornou-se o centro da vida de "cada" um de nós, de todo o gênero humano; e o destino de cada um depende daquela morte. Tornou-se, portanto, o centro da história humana. A partir da morte de Cristo na cruz, a palavra sacrifício tornou-se uma palavra gigante, enorme, e revelou que toda a vida, de todos os homens, é "tecida" de sacrifícios.³¹⁴

Quando Cristo morreu na cruz, a fim de que os homens pudessem ser salvos da morte, isto é, para que tudo (toda a natureza) pudesse ser salvo por Ele da corrupção, da destruição, desde aquele momento a palavra sacrifício e seu significado existencial e ontológico ganha o significado de redenção, ou seja, oferta gratuita e amorosa, e isso é um significado que escancara, que abre para todo o gênero humano a possibilidade de alcançar o seu Destino, a Vida Eterna. Segundo Pe. Giussani, sacrifício não é uma palavra estranha, Cristo também revelou que esta palavra não era coisa estranha porque toda a vida é assim. Ele revelou, de um lado, o domínio que tem sobre a vida de todos os homens; e de outro, que o seu significado não era necessariamente negativo, aliás, que tinha um significado misteriosamente positivo: era a condição para que os homens alcançassem o seu destino: "Com a Tua cruz remistes o mundo", com a tua Cruz, ó Cristo, salvastes o mundo.³¹⁵

³¹⁴Cf. GIUSSANI, L. *"É Possível Viver Assim?..."*, op., cit., pp. 321-322. Afirma ainda Pe. Giussani: "A vida de todos os homens é tecida de sacrifícios, (...) é como que dominada pela necessidade de sacrificar: uma mãe, para gerar um filho; um pai, para manter a mãe e um filho; para ser realmente amigo de uma outra pessoa; para prosseguir no caminho de uma pessoa amada; para ir trabalhar e receber no final do mês; para ir ao alto do Monte Branco, um dos espetáculos mais bonitos que se possa ver, para ir até lá em cima; Enfim, sacrifício daqui e dali - para estar atento uma hora agora, pra falar com vocês uma hora agora... é impossível evitar o sacrifício, e, sobre todas as coisas, paira o maior sacrifício que se possa conceber, que é morrer".

³¹⁵Aí entendemos o porque de os sacrifícios de animais para, Cristo, não ter o mesmo valor que tinha para os seus irmãos na fé, os judeus. Não só pelo fato d'Ele ser o Cordeiro imolado que tira o pecado do mundo, mas porque cada sacrifício nosso, por mais simples que seja, para Cristo, a partir do Evento Redentor na cruz, teria um significado enorme. Nem os sacrifícios de vidas humanas das primitivas religiões também. Cabe lembrar ainda que para os gregos a palavra sacrifício era repugnante, mesmo se sabendo através da *Ilíada*, obra de Homero do século XIII a.C., que primitivamente eles sacrificavam seres humanos: vemos que Agamenon sacrifica sua filha aos deuses, para deles receberem os ventos favoráveis para atacar Tróia. Claro que, posteriormente, no auge da civilização grega, eles não possuem, estas práticas, pois o culto supremo da beleza do corpo se torna para eles o verdadeiro culto às suas divindades". Cf. *Ibidem*.

O sacrifício se torna então um valor moral, isto é, um valor da vida do homem, quando se toma correspondência, co-responsabilidade, isto é, resposta à morte de Cristo na cruz para salvar a própria vida e a vida dos homens. Também se torna um valor moral quando o próprio homem participa da iniciativa tomada por Deus para nos libertar da morte e do mal. A iniciativa de Deus para nos libertar da morte e do mal é a morte de Cristo na cruz. "Por meio disto conhecemos o amor: ele deu a sua vida por nós! Nós também devemos dar a vida por nossos irmãos" (Cf. 1Jo. 3, 16).

Tudo se torna novo após o sacrifício de Cristo na cruz. Qualquer sacrifício do *hic et nunc* (aqui e agora), qualquer circunstância da vida se torna positiva, se torna oferta, oblação a Deus, porque tudo em Cristo tem consistência. O que era violência, crueldade, dor, atentado à própria vida, inclusive humana, em Cristo se torna o ponto chave da vida. Não se precisa mais matar animais, seres humanos, qualquer sacrifício da vida, em Cristo, se torna gesto oblatoivo, gesto redentor, porque participa do grande sacrifício de Cristo na cruz.³¹⁶

"Tudo isso é verdadeiro: Cristo morreu na cruz para a salvação dos homens, e cada um de nós pode colaborar para a salvação do mundo aceitando o sacrifício das circunstâncias pelas quais é levado a passar, porque a existência de cada um e a história de todos têm um enorme peso na origem; têm, na origem, uma espécie de montanha gigantesca que pesa e freia tudo, trágica. A natureza do homem é trágica por causa deste início terrível que se chama pecado original, que é um fato que não podemos explicar, mas sem este misterioso fenômeno não se explicaria mais nada. Não se explicaria mais o sacrifício, não se explicaria mais nada: haveria apenas quem tem mais sorte e quem tem menos; isto sim que é uma injustiça intolerável: uma pessoa tem sorte e outra não tem e a outra não tem, por quê?"³¹⁷

b). *Amor*: É interessante que o amor no seu valor original se identifica com a vida de Deus³¹⁸, com a sua identidade suprema, afirma S. João: Deus é amor (cf. 1Jo.4,8). Toda a lei do Novo Testamento se resume a uma palavra: amor. Giussani explica que a imitação própria que devemos fazer de Deus não pode ser a imitação da sua capacidade criadora, ou seja, de dar consistência às coisas, mas a imitação daquilo

³¹⁶Cf. GIUSSANI, L, *ibidem*, p.324.

³¹⁷*ibid*, "**É Possível Viver Assim?...**", op., cit, pp. 324-325. Cabe lembrar também aqui o texto bíblico lapidar de São Paulo sobre o pecado original: Carta aos Romanos, capítulo sete.

³¹⁸Cf. Como referência: Petrini, J., C., "**Para Compreender o Amor Humano**", in **Núcleo (Boletim do Núcleo Cultura e Fé da PUC -SP)**, nº. 14, 2005, pp. 2-3.

que ele chama de comportamento existencial de Deus (cf. Jo.3, 16;1Jo. 4,9-10).³¹⁹ Ao falar do amor que se revelou em Cristo, é necessário antes mostrar o amor que deriva de Deus e que é a suprema lei do nosso eu. O amor é uma lei dinâmica, está em movimento, assim como Deus é um movimento, um dom de si em movimento que determina tudo aquilo que nascer desse mar de dom e de comoção. Segundo Pe. Giussani: "Não existe relacionamento se não for de amor, não existe relacionamento verdadeiro se não for de amor".³²⁰ E isso para nós ("sua imagem e semelhança") quer dizer que em nossa natureza verdadeiramente humana existe uma capacidade ímpar de ser dom de si cheio de comoção. Derivando de Deus o nosso eu tem como lei suprema o amor. Nossa originalidade mais próxima de Deus é a capacidade de amar, e esse amor é dom, ou seja, é dar a si mesmo. Mas um dar-se até o fundo. "Se não existe a disponibilidade para dar a si mesmo até o fundo, a lei não é aplicada".³²¹ O amor é verdadeiro no momento que não fica à margem, mas quando avança e se toma eterno, e é concebido, aceito e desejado como eterno (cf. Jo. 15, 9-25).

"Quando alguém aplica a lei do amor no relacionamento com uma outra pessoa de modo autêntico, verdadeiro, isto é, disposto a ir até o fundo, aberto até o fim, aberto até a morte e, portanto ao eterno, quando alguém se doa assim ao outro, para o outro ele é tudo, tudo".³²²

Isso não é uma coisa genérica, é sair de si e mover-se para e por um outro ("Por meio disto conhecemos o Amor:Ele deu a sua vida por nós! Nós devemos dar a vida pelos nossos irmãos" – 1Jo. 3,16) . Esta é a verdade que comove o coração, comove e leva a agir. O amor verdadeiro, para Pe. Giussani, é o princípio da lei *do* homem, *do* seu viver, e o seu viver é afirmar o Ser, um Outro que chamamos Deus. Pois Ele é amor, a verdadeira e plena realização *do* homem.

"Uma pessoa quer verdadeiramente bem a uma outra pessoa quando se distancia

³¹⁹Cf. GIUSSANI, L., "*Em busca do Rosto do Homem*", op., cit., pp.56-60.

³²⁰GIUSSANI, L., "*É Possível Viver Assim?...*", op., cit., p. 285.

³²¹Ibidem, p.287.

³²²GIUSSANI, L., *ibidem*.

dela e vê nela a posse de um Outro, isto é, de Deus. Não 'se distancia dela', mas 'vai até o fundo dela', porque o amor, enquanto acaba no eterno, não perde nada, nem mesmo o cabelo da cabeça, como dizia Jesus, nem mesmo um sopro dado de leve. (...) Ama-se quando, de algum modo, deseja-se o destino. (...) A aplicação da lei do amor, esta suprema imitação de Deus, cedo ou tarde determina um tipo de vida diferente. Esse tipo de vida diferente não quer dizer não pecar: uma pessoa pode errar mil vezes, mas a sua vida é diferente. (...) Em tudo aquilo que faz, carrega o sinal de uma mudança da qual a dor, por um amor não bem realizado, representa o exemplo mais adequado que ninguém no mundo tem. Fora de quem tem a consciência dessas coisas que Jesus trouxe e que os apóstolos levaram ao mundo, os outros não conhecem de fato esta dor".³²³

Cristo na cruz nos ensina concretamente todas essas dimensões *do* amor. Ele vive integralmente a lei *do* homem, de amar e amar até o fim. Ele na Cruz se entrega totalmente, mostrando o que é se dar; e seu amor pode ser resumido através de seus gestos. O grande gesto que caracteriza o amor de Jesus e sua extraordinária humanidade é o ágape da cruz (cf. Rm.5,6-8). Ali, Ele mostra a plenitude de significado desta palavra, n'Ele esta palavra ganha o seu sentido mais humano e ontológico.

"Se alguém possui bens deste mundo e, vendo seu irmão em necessidade, fecha-lhe o coração, como pode estar nele o amor de Deus? Filhinhos, não amemos com palavras e com a língua, mas com fatos e a verdade. Disto conheceremos que somos da Verdade e tranquilizaremos o nosso coração diante dele quando o nosso coração nos reprovar, porque Deus é maior do que o nosso coração e conhece todas as coisas" (1Jo. 3,17-20).

c). *Misericórdia*: O ponto culminante de amor para se viver à imitação de Deus é a misericórdia. É no silêncio do calvário, pregado na cruz, que Jesus nos ensina o quanto estávamos distantes da harmonia com Deus e que a misericórdia pode ser aprendida e é a forma mais própria, ou seja, mais característica do amor de Deus. Esta imitação de Deus, esta identificação com Cristo, este conseqüente amor recíproco não consistem em sentimentos cultivados no fundo do coração, mas em ação concreta. Na cruz Cristo nos ensinou a misericórdia: "Pai, perdoa-lhes, eles não sabem o que fazem". Naquela hora Ele nos ensinou a ser a misericórdia, e que Deus é a misericórdia. A humilhação, o rebaixamento, o esvaziamento de si, mostram que o amor de Deus é misericordioso e que não existe misericórdia sem oferta amorosa de si mesmo (cf. Lc. 14,11; 18,9-14). É um fato que opera. Se o homem reconhece a misericórdia, ele

³²³Ibid, Ibidem, p. 290.

se aceita e se entrega a Deus, ao Deus misericordioso, para ser mudado.

"Esta é a dor de si, que é a verdadeira dor, mas carregada de Letícia (alegria). O homem está cheio de Letícia porque Deus vive. É uma dor que sorri: como acontece às crianças, quando, ao cair, se machucam e o seu rosto é inundado por lágrimas, e choram por causa da dor que estão experimentando, mas ao mesmo tempo sorriem porque a mãe e o pai estão com elas para consolá-las, para ajudá-las".³²⁴

Eis o milagre da misericórdia de Cristo na cruz: suscitar no coração do homem o desejo de mudar e saber que por Ele, com Ele e n'Ele podemos: o desejo define o presente novo no homem pecador. Segundo Pe. Giussani, a palavra "presente" é essencial porque nos compromete a cada instante. Não nos faz entregar essa decisão para nós mesmos: "tenho de mudar" – isso seria transferir para o futuro, o que chamamos popularmente "empurrar com a barriga". E isso nos destinaria a ficarmos presos em nosso amor próprio, sem ver os frutos de Deus. O homem começa a viver a verdade de Deus quando reconhece verdadeiramente seu limite, quando experimenta sua incapacidade, sua miséria: quando se torna então um mendicante, como aquelas pessoas que ficam estendendo a mão por um mísero trocado, ou como aqueles cachorros que ficam debaixo da mesa de seu dono mendigando as migalhas que caem (cf.Mt. 5,21-28; Mc. 7,24-30). A verdadeira riqueza está no pedido, na entrega de si e na total dependência de Deus.³²⁵

O mistério da Redenção, a Cruz de Cristo, sua paixão dramática e violenta, a sua aceitação e força para ir até às últimas conseqüências é o grande ensinamento de Deus, um misterioso desígnio de amor, de liberdade que toca a cada um de nós há dois mil anos e irá tocar até o seu glorioso retorno.

3.3.3 O Mistério De Cristo Ressuscitado e Senhor

Toda a obra da Redenção não termina no Calvário, com a morte de

³²⁴GIUSSANI, L., *"Em busca do Rosto do Homem"*, op., cit., p.50.

³²⁵GIUSSANI, L., *Ibidem*.

Cristo na cruz, ali ela encontra seu momento mais dramático, mais triste. Porém todo o sacrifício redentor na cruz culmina com a silenciosa vitória da ressurreição, com a vitória de Cristo sobre a morte: é a Páscoa definitiva. No silêncio da madrugada do primeiro dia da semana Cristo refloresce, plenificando toda a obra redentora de Deus (Cf. 1Cor. 15, 3-4).

O grande evento – Ressurreição de Cristo – é um tempo estabelecido, decidido pelo mistério amoroso do Pai, no qual Cristo se revelou a quem deveria testemunhá-lo, e começou a revelar que tipo de posse tinha das coisas. Ele assim quer nos mostrar não somente que Ele é vencedor e Senhor, mas quer ser presença no mundo.³²⁶ Quer estar presente no meio de nós. Dizemos isso em toda missa há mais de mil anos: "Ele está no meio de nós!".

Cristo está vivo e presente, não é ausência, nem é distância. A Ressurreição gera na sua evidência maior algo novo: o novo povo de Deus. Renascido com Cristo pela Páscoa, este povo novo é a certeza de sua vitória. A grande Obra Redentora de Deus culmina com a alegria do encontro com o ressuscitado. O vencedor da morte se encontra e se identifica com os seus e estes geram um povo novo (Cf. Mt. 28,1-15; Mc.16, 1-15; Lc. 24,1-48; Jo. 20,1-31;21,1-19; At. 2,14-47; 3,1-26; 4,1-21.32-37; 5,12-41; Rm. 6, 3-11; 1Pd. 1,3-9.17-21). A grande obra de Deus no mundo é que o ressuscitado se codificou, se identificou com um povo novo. Vemos nos evangelhos os *encontros do ressuscitado com Maria madalena* (cf. Mt. 28, 1-8; Mc. 16,1-8; Lc. 24, 1-12; Jo. 20,1-18), *com os discípulos de Emaús* (Cf. Lc. 24,13-33), *com os Apóstolos no cenáculo fechado* "naquela mesma tarde" (Cf. Mc. 16, 14-18; Lc. 24, 36-49; Jo. 20, 19-29), *com Tomé* (Cf. Jo 20,24-29), *no mar da Galiléia com Pedro* (Cf. Jo. 21, 1-23). E também *com o Diácono Estevão no momento de seu martírio* (cf. At. 7, 54-60) e *com o próprio Saulo de Tarso na estrada para Damasco* (Cf. At. 9, 1-9). *Pentecostes* foi o impulso, a força de Deus, para

³²⁶Estas são as grandes obras de Deus na história. Primeiro a Redenção do homem por meio de Cristo crucificado (Comenta Pe. Giussani: "isto significa que o homem não podia ser autônomo - pecado original -; Deus se tomou um homem para salvá-lo; e que o salvou morrendo"). Segunda grande obra de Deus: o nascimento de um povo novo – a Igreja de Cristo. (Comenta ainda Pe. Giussani: "a ressurreição coincide com o início de um fluxo novo no mundo, de um fluxo de humanidade nova, da qual os primeiros nomes conhecemos, e conhecemos também os nossos próprios nomes"). Cf.: João Paulo II, *Homilia*, in: "*La traccia*", nº. 6, 1992, pp. 741-743.

o anúncio (cf. At. 2,1-36) . A partir do encontro com ressuscitado, tudo para eles se tornou novo, um novo povo se formou.

"Redenção é cruz e ressurreição. Indicou a cruz com a redenção dos pecados; o primeiro conteúdo (...) é a redenção dos pecados. Não fala de Cristo crucificado, fala da cruz de Cristo, mas aquilo do qual fala, o tema para o qual acena, é a redenção dos homens. Como, por outro lado, não fala tanto da ressurreição quanto dos homens salvos, isto é do povo novo. Primeiro fala do povo dos homens que deveriam ser redimidos, depois fala do povo dos homens salvos (...) eu nunca vi uma síntese do conteúdo do dogma cristão tão bonita como a que foi feita pelo Papa aqui! Porque se ele diz: 'Cristo ressuscitado' todos sabem, ouviram que Cristo ressuscitou. Mas o povo novo de Deus ninguém ouviu, tanto é verdade que ninguém o diz. Cristo ressuscitado poderia ser um instante na história. E ao invés não; é uma história, uma história nova; à história antiga sucede a história nova. E a passagem é esta: ressurreição é a páscoa de cristo, a passagem".³²⁷

Portanto, aquilo que nós todos temos mais dificuldade para utilizar, aquilo que temos mais dificuldade para entender é que pertencemos a uma realidade nova. Esta realidade nova está dentro da abertura do ponto de fuga de todas as coisas, pelo qual tudo se toma diferente e o sinal disso é a paz e a unidade. Em suma, a vitória de Cristo é um fato presente hoje, é o povo cristão. Se Cristo não é algo presente que arrasta, não há mais cristianismo.

"É necessário que esta presença domine em nossa vida, como São Paulo: 'Não sou eu quem vivo é Cristo que vive em mim. Mesmo vivendo na carne, vivo na carne e na fé do filho de Deus'. É essa presença e a imponência dessa presença que se toma àquilo que domina o pensamento, os olhos e o coração, como o 'pensamento dominante' de Leopardi. Quem domina assim meu pensamento? Tu és como torre gigante no meio da mente, 'porque se tu não estás tudo é confusão, entra a amargura e tristeza irracionais'. Ao contrário é uma doçura totalmente nova, é uma doçura que libera nossa vida dos detritos. Se não existe amor assim duradouro, uma eterna miséria acontece. Se não encontra um amor que dura a cada dia, ninguém pode ser feliz. A miséria consiste em uma coisa: não se amar aquilo que é. (...) Nunca o ser nos alcança tanto como em Cristo. (...) Sem essa vitória não existe o povo cristão, faltaria o 'eu', o sujeito, o membro deste povo. Por isso esse povo está fundado na vitória de Cristo que é antes de tudo um reconhecimento. Essa é vitória, a fé, o reconhecimento dessa presença que muda a vida. Por isso a vida cristã é memória como reconhecimento dessa presença. Nada a ver com interpretações; as interpretações não produzem essa surpresa. Esta é a vitória sobre as interpretações e sobre o niilismo".³²⁸

O povo cristão é esse acontecimento reconhecido pelos que o

³²⁷Cf. GIUSSANI, L, texto de referência: Retiro de Ascensão para os '*Memores Domini*', entre os dias 15-17 de maio de 1992; Cf. Giussani, L, "*Vivendo nella carne*", BUR, Milano, 1998, pp.239-242. Neste texto ele comenta o discurso do papa João Paulo II em Luanda, na Angola, de 1992, citado acima.

³²⁸Carrón, J., "*A Vitória de Cristo é o Povo Cristão*", conferência proferida na Assembléia Internacional dos Responsáveis do Movimento Comunhão e Libertação em La Thuile, 17 a 21 de agosto de 2004, in *Passos*, nº. 55, 2004, pp. 16-19.

encontraram. O conjunto desses "eus" mudados, das pessoas investidas por este acontecimento forma o povo novo – ressuscitado –, e, por isso, documenta a 'vitória de Cristo' no tempo. A unidade única e nova é sinal de sua vitória. O novo povo é a evidência de Cristo ressuscitado porque a vitória é essa atração potente da sua beleza, pois sem essa presença viva seríamos no máximo um grupo de moralistas que desejam ser coerentes. Por isso, uma lembrança do passado é não suficiente para lembrar o povo cristão: é preciso 'Cristo vivo', que responda às exigências do coração do seu povo, que nos permita reconhecê-lo a cada instante. Portanto, a condição de possibilidade dessa vitória é a Sua 'Ressurreição', porque sem a sua vitoriosa presença observaríamos regras e rubricas, cumpriríamos normas e então o moralismo legalista seria inevitável, sendo assim, seria inevitável a vitória do nada. Isso nunca realizaria os desejos dos corações e o interesse pelo centro da fé se deslocaria. Cristo não seria mais interessante. Quantos de nós conhecemos a necessidade que temos de Cristo para viver, para a tomada de novas atitudes diante da vida? Quantos de nós nos colocamos juntos só para organizar coisas? A ontologia nova que nasce de Cristo ressuscitado e que nasce do fascínio da sua presença viva gera um povo novo, uma comunidade viva. Afirma São Paulo falando aos Coríntios sobre o relacionamento da cabeça com o corpo: Cristo é a cabeça, porque Ele como cabeça, gera. Somos seu corpo, porque n'Ele somos gerados. Por isso o mesmo São Paulo sublinha tanto essa dependência única da Igreja de Cristo, pois Ela (Igreja) está unida e vivificada n'Ele, e é sinal privilegiado da graça de Deus no mundo todo.³²⁹

Portanto, na experiência da Comunidade eclesial, começamos a ver o percurso que a humanidade fez nos últimos séculos, que é o contexto no qual nós somos chamados a viver a nossa fé no ressuscitado, hoje. Giussani denuncia a origem da situação que vivemos nestes tempos, o

³²⁹A cerca da graça comenta o Papa João Paulo II na Carta Apostólica **'Novo Millennio Ineunte'**: "O primado da graça. Há uma tentação que sempre insidiosa qualquer caminho espiritual e também ação pastoral: pensar que os resultados dependem da nossa capacidade de agir e programar. É certo que Deus nos pede uma real colaboração com a sua graça, convidando-nos, por conseguinte a investir, no serviço pela causa do Reino, todos os nossos recursos de inteligência e de ação; mas aí de nós, se esquecermos que, 'sem Cristo, nada podemos fazer' (Cf. Jo. 15, 5). (...) Quando não se respeita esse primado, não nos podemos maravilhar se os projetos pastorais se destinam falir e deixa na alma um deprimente sentido de frustração." Cf. João Paulo II, **"Novo Millennio Ineunte"**, nº. 38, 2ª. Edição, Ed. Paulinas, São Paulo, 2001, pp.57-58.

que ele chama de 'enfraquecimento de uma mentalidade orgânica' que diz respeito ao problema religioso (ou seja, ao problema do homem), ou seja, uma falta de empenho autêntico, de interesse e de curiosidade pela realidade em sua totalidade.³³⁰ Comenta Hanna Arendt:

"O homem moderno não ganhou este mundo quando perdeu o outro mundo (o Eterno), e tão pouco a vida foi favorecida. Ele foi projetado em si mesmo, projetado na interioridade cerrada da introspecção, onde no máximo podia experimentar os processos vazios do mecanismo mental, o seu jogo consigo mesmo (...). É perfeitamente concebível que a idade moderna – iniciada com uma tão excepcional e promissora ebulição da atividade humana – termine na mais mortal e na mais estéril passividade que a história jamais conhecerá".³³¹

Quer dizer que tudo o que começou como atividade frenética terminou na estéril passividade em que muitas vezes o homem "individualizado" vive. Aos poucos, e ele nos alerta, essa mentalidade entra na comunidade eclesial, gerando não a Vitória de Cristo para a nossa sociedade, mas a esterilidade, a passividade, o desinteresse por tudo, e a tentação é de descarregarmos "sentimentalmente" a responsabilidade nas circunstâncias e vice-versa: "Nenhum resultado humano pode ser imputado exaustivamente a meras circunstâncias exteriores, posto que a liberdade do homem (a sua e a minha), apesar de enfraquecida, permanece marca indelével (da criatura humana) da criatura de Deus".³³²

Esse desastre antropológico do homem "individual" que vemos ao nosso redor deve nos levar a um valor educativo de uma pertença a uma comunidade eclesial, cujo ponto sistemático mais importante seja uma experiência de fé partilhada e aprofundada numa vida em "comunidade", que deve inteiramente provocar o nosso eu, levar-nos a um empenho com a totalidade (Com Deus, com nossa própria dignidade, com o próximo e com a natureza), ou seja, provocar nossa liberdade, nossa ressurreição enquanto povo que nasce da vitória de Cristo.³³³

³³⁰Cf. Carrón, J., "*A Vitória...*", op., cit, p. 3-5.

³³¹Arendt, H., "*Vita Activa*", Ed. Bompiani, Milão, 1997, pp. 239-240.

³³²Cf. GIUSSANI, L., "*Por que a Igreja?...*", op., cit., p. 66.

³³³Cf. GIUSSANI, L., "*Acontecimento de Liberdade*", Ed. Diel, Lisboa, 2004, p.141. "Eu não vivo a minha vida padecendo à neutralidade de cada instante (tomara que nós não padeçamos a neutralidade destes dias), mas abraçando cada instante por um ímpeto de totalidade que é profecia de felicidade, que é idéia de beleza, que é vontade ética de um bem que é um passo rumo a realização total".

“Por isso, não nos consideramos portadores de uma espiritualidade particular, nem sentimos a necessidade de identificá-la. O que nos domina é a gratidão pela descoberta de que Igreja é uma vida que encontra a nossa vida: não é um discurso sobre ela. A Igreja é a humanidade vivida como humanidade de Cristo, e isso indica a cada um de nós o valor do conceito de fraternidade sacramental, que, mesmo nos sendo difícil na sua totalidade, indica de maneira evidente uma outra densidade de vida”.³³⁴

Com o núcleo de sua obra Redentora: Paixão, Morte e Ressurreição; participamos com a sua humanidade da potência e da autoridade de Deus. (Cf. Cl. 1, 18; Ef. 1, 21-22).³³⁵ O Espírito é energia com que o mistério de Deus eterno e imutável opera no mundo. Desde a morte e ressurreição de Cristo esse espírito é a energia com a qual Ele está destinado a tomar posse definitiva de todas as coisas, como disse S. João (Cf. Jo. 17,2-3).

Portanto, o Espírito de Deus é a energia pessoal de Jesus com a qual Cristo penetra na história, no tempo e no espaço, possuindo aqueles que ‘o Pai lhe dá nas mãos’ (Jo. 17,6). Cristo não nos deixou sozinhos. É possível ver que Cristo ressuscitou pelo fato de que o povo de Deus, o povo cristão, existe, e isto nos faz entender qual é a antologia deste povo que surge continuamente do acontecimento da Sua presença viva, do fascínio da Sua presença. Cristo seria uma realidade longínqua e, por isso, vítima da nossa interpretação, se não estivesse vivo na Igreja vivente. Dessa forma a Igreja continua a pedagogia da Encarnação, isto é, Deus continua a se comunicar e a se manifestar na vida dos homens através do sinal, do sensível, do visível: 'Deus manteve-se fiel à sua economia de salvação'.³³⁶ Salvação que continua na história e chega a todos os homens mediante a Igreja, 'comunidade visível da graça',³³⁷ evento histórico da vitória do ressuscitado, oferecida à humanidade inteira, que se apresentou como uma realidade 'sociologicamente identificada'. No entanto, do ponto de vista interior, os seus membros estavam persuadidos de que a força que sustentava a vida da comunidade não pertencia à comunidade dos homens: provinha do alto, da energia de Deus feito homem que agia na história através do seu

³³⁴Carrón, J., “*A Vitória...*”, op., cit., p. 17.

³³⁵*Catecismo da Igreja Católica*, Ed. Vozes/Loyola, Petrópolis, São Paulo, 1993, nº. 668.

³³⁶Schillebeeckx, E., “*Cristo Sacramento do Encontro com Deus*”, Ed. Vozes, Petrópolis – RJ, 1963 p.172.

³³⁷Cf. GIUSSANI. L... . ibidem. p.51.

Espírito, na carnalidade da vida da comunidade.³³⁸ Enfim, a forma que assumia o acontecimento de Cristo não se identificava apenas com a fisionomia que lhe era pertinente como pessoa, mas também com a fisionomia daqueles por Ele enviados. A forma que torna possível ‘experimentar’ a presença vitoriosa de Cristo, hoje, é encontrar e viver juntos na sua comunidade, assim como se avizinha a nós, como vem à tona no ambiente em que estamos.³³⁹

³³⁸Cf. GIUSSANI, L., *“Por que a Igreja? A Pretensão Permanece, Tomo 1”*, tradução em português, Companhia Ilimitada, São Paulo, 1991, p. 95.

³³⁹Cf. GIUSSANI, L., *“O Senso de Deus e o Homem Moderno”*, tradução em português, Ed. Nova fronteira, Rio de Janeiro, 1997, p.77.